



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA – PCL

ADOLESCÊNCIA E PASSAGEM AO ATO SEXUAL VIOLENTO:
ANÁLISE DO EIXO NARCÍSICO-IDENTITÁRIO NO MÉTODO DE
RORSCHACH

LANA DOS SANTOS WOLFF

Brasília – DF
2012



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA – PCL**

**ADOLESCÊNCIA E PASSAGEM AO ATO SEXUAL VIOLENTO:
ANÁLISE DO EIXO NARCÍSICO-IDENTITÁRIO NO MÉTODO DE
RORSCHACH**

LANA DOS SANTOS WOLFF

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo

Brasília – DF
2012

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo.

Aprovada por:

Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo (Universidade de Brasília - UnB)
Presidente

Prof^a. Dr^a Maria Abigail de Souza (Universidade de São Paulo - USP)
Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Liana Fortunato Costa (Universidade de Brasília - UnB)
Membro Interno

Prof. Dr. Marcelo Tavares (Universidade de Brasília - UnB)
Membro Suplente

“Esse longo caminho percorrido lado a lado, nos bons e maus momentos, faz de nós dois um ser unificado pelos mais fundos, ternos sentimentos.” (Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por proporcionar vida, saúde, oportunidades de estudo e encontros com pessoas singulares.

À minha família, que apoiou essa trajetória e compreendeu a minha ausência, especialmente, ao meu pai e à minha mãe, pelo exemplo de dedicação aos estudos.

À minha orientadora, Professora Deise Matos do Amparo, que acreditou no meu potencial e deu suporte acadêmico e continência diante das dificuldades encontradas ao longo do caminho.

Aos psicólogos e assistentes sociais das Unidades de Internação e aos profissionais e alunos do Centro de Formação em Psicologia Aplicada da Universidade Católica de Brasília, locais em que a pesquisa foi realizada: Sarah Dias, Douglas Gomes, Monique Dias, Heloísa, Isabela, Maristela Gusmão, Talita Vieira, Tati Soriano e Idejane Ataídes.

Aos adolescentes e seus familiares que aceitaram participar da pesquisa e falar de suas vivências e angústias.

Ao pesquisador Jean-Yves Chagnon pelas valiosas contribuições.

A todos participantes do grupo de pesquisa e aos que colaboram na organização e discussão dos dados: Flávia Martins, Mirna Dutra, Bruno Cavaignac, Larissa Gonçalves, Greg De Sordi, Patrícia Ramos, Fernanda Poulain e Júnior Pereira.

À Carol pela amizade e espaços de trocas.

À minha amiga Fer pelo carinho e os queridos Luan e Gabriel que proporcionaram encontros cheios de descobertas e leveza.

À família Valadares que acompanhou o início dessa jornada e torceu por mim mesmo à distância.

Ao CNPq pelo auxílio financeiro.

RESUMO

Wolff, L. S. (2012). *Adolescência e passagem ao ato sexual violento: análise do eixo narcísico-identitário no método de Rorschach*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Este estudo teve por objetivo compreender o funcionamento psíquico dos adolescentes que praticaram ato sexual violento nos aspectos relativos ao funcionamento narcísico e identitário. A adolescência é um momento de intensos remanejamentos em que são colocadas à prova as bases de constituição do narcisismo e da identidade do sujeito. Nos adolescentes em que não houve um cuidado suficientemente bom que possibilitasse a construção sólida dessas bases da organização psíquica, ou que apresentaram falhas ao longo do seu desenvolvimento precoce, nas primeiras relações objetais, esse período pode ser particularmente difícil, e a passagem ao ato pode se constituir em uma saída. Discute-se a hipótese de que, particularmente nos adolescentes que passam ao ato sexual violento, a problemática narcísica torna-se evidente, com dificuldades em lidar com os limites entre o interior e o exterior e com a posição passiva. Participaram da pesquisa quatro adolescentes que cometeram atos sexuais violentos com idades entre 15 e 18 anos. Dois adolescentes estavam sendo acompanhados em uma clínica-escola e dois estavam sob medida socioeducativa em unidades de internação. O método utilizado na pesquisa foi o clínico-qualitativo com estudo de caso clínico, na perspectiva de grupo único. Como instrumentos foram utilizados entrevistas semidirigidas, que possibilitaram a organização da história do adolescente, e o método de Rorschach, na perspectiva teórica da Escola de Paris. A análise dos protocolos privilegiou o investimento dos limites; o investimento libidinal na representação de si; os investimentos narcísicos sobre a relação de objeto e as defesas narcísicas. Primeiramente, os dados dos quatro protocolos de Rorschach foram considerados de maneira conjunta e, logo em seguida, dois casos clínicos foram apreciados mais detalhadamente, abordando também a história desses adolescentes. As análises evidenciaram a inexistência de um perfil único dos adolescentes que passam ao ato sexual violento, no entanto, identificaram-se fragilidades narcísicas e identitárias; dificuldade de investimento nos limites e na representação de si.

Palavras-chave: Adolescência. Rorschach. Passagem ao ato sexual violento. Narcisismo. Identidade.

ABSTRACT

Wolff, L. S. (2012). *Adolescência e passagem ao ato sexual violento: análise do eixo narcísico-identitário no método de Rorschach*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

This study aims at understanding the psychic functioning of teenagers that have violent sexual intercourses regarding the sense of self and narcissistic functioning aspects. Teenage is a period of intense rearrangement when all the bases of the subject's constitution of narcissism and of the self are tested. This period can be particularly difficult for teenagers that haven't received enough care regarding a solid basis on the construction of their psychic organization or who had shown some lacks during the premature development of their first object relations, thus the passage to the sexual act can constitute a solution. There is an hypothesis that, specifically in teenagers that have come to violent sexual intercourses, the narcissistic problematic becomes evident, showing their difficulties in dealing with inner and outer limits and with the passive position. Four 15 to 18 year old teenagers who committed sexual abuse took part in this research. Two of them had been assisted in a school clinic and the other two were responding to social-educative penalties in detention units. The clinical-qualitative method and a clinical case study were used in this work. Semi-directed interviews were conducted in order to promote the historical organization of the teenagers and the method of Rorschach was analyzed through the theoretical perspective of the Paris school. The protocols analyses privileged the investment on limits, the libidinal investments on the representation of the self, the narcissistic investments regarding the relation with the object and the narcissistic defenses. Firstly, the data of the four protocols of Rorschach were collectively analyzed. Afterwards, two clinical cases were assessed with some particularity, taking into consideration the background of the teenagers. The analyses have shown the inexistence of a single profile of teenagers who have had violent sexual intercourses. Nevertheless, some narcissistic and identity frailties, difficulties in investing on limits and on the representation of the self were identified.

Key words: Teenage. Rorschach. Passage to the violent sexual intercourse. Narcissism. Identity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Comparação das normas de adolescentes e adultos no Método de Rorschach na abordagem francesa	32
Tabela 2 - Indicadores do narcisismo no Rorschach relacionados ao investimento nos limites	46
Tabela 3 - Indicadores do narcisismo no Rorschach relacionados ao investimento na representação de si	48
Tabela 4 - Tipos de defesas narcísicas no Rorschach	49
Tabela 5 - Informações gerais sobre os adolescentes que participaram da pesquisa.....	54
Tabela 6 – Principais indicadores do Rorschach encontrados nos protocolos dos adolescentes na perspectiva da Escola de Paris	62
Tabela 7 – Psicograma e dados qualitativos do Rorschach de Cristiano	72
Tabela 8 – Respostas classificadas como Barreira (B) e/ou Penetração (P) no Rorschach de Cristiano	74
Tabela 9 – Psicograma e dados qualitativos do Rorschach de Roberto	83
Tabela 10 – Respostas classificadas como Barreira (B) e/ou Penetração (P) no Rorschach de Roberto.....	86

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	101
ANEXO B – Roteiro de Avaliação	103
ANEXO C – Roteiro de Entrevista Semidirigida com as famílias	105
ANEXO D – Roteiro de Entrevista Semidirigida com os adolescentes	107
ANEXO E – Nomenclatura francesa do Rorschach	110
ANEXO F – Critérios de classificação para escala Barreira-Penetração	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - AS TRANSFORMAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA, O AGIR E AS CONTRIBUIÇÕES DAS TÉCNICAS PROJETIVAS	14
1.1 As transformações da adolescência	15
1.2 O agir adolescente	24
1.3 O agir sexual violento.....	28
1.4 Métodos projetivos na avaliação de adolescentes	31
1.5 Métodos projetivos na avaliação de adolescentes em conflito com a lei	35
1.6 O eixo narcísico-identitário no método de Rorschach.....	40
CAPÍTULO II - NATUREZA DO PROBLEMA E MÉTODO	51
2.1 Instrumentos	52
2.2 Participantes.....	54
2.3 Procedimento para coleta dos dados.....	55
2.4 Procedimento para análise dos dados	56
CAPÍTULO III - RESULTADO E DISCUSSÃO: O RORSCHACH DE ADOLESCENTES QUE PRATICARAM VIOLÊNCIA SEXUAL	57
CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93
ANEXOS	101

INTRODUÇÃO

Diante das transformações do corpo, das modificações da relação com a família e pares, e de um novo lugar na sociedade, o adolescente se depara com questões referentes aos remanejamentos psíquicos, ao ressurgimento de problemáticas complexas como o Édipo, ao reordenamento das relações objetais e à reorganização das pulsões com a genitalização do corpo. A especificidade desse momento reconfigura, dentre outros aspectos, o narcisismo e a identidade. Esse período pode ser principalmente difícil para os adolescentes que apresentam falhas ao longo do seu desenvolvimento precoce, nas primeiras relações objetais. Agora, ao se depararem com fragilidades num *a posteriori*, alguns jovens passam ao ato, seja numa ação direcionada ao outro (roubo, homicídio, agressão sexual) ou direcionada a si mesmo (anorexia, bulimia, escarificação).

Em suma, a adolescência é complexa, coloca à prova o funcionamento psíquico do sujeito, porém, ao mesmo tempo, introduz possibilidades de mudança. A compreensão dos aspectos dinâmicos e econômicos do funcionamento psíquico dos jovens que passam ao ato é fundamental para a construção de um agir a serviço do processo criativo. Ao conhecer os aspectos frágeis e as potencialidades desses sujeitos, é possível realizar intervenções mais eficazes nos contextos terapêutico e jurídico.

No entanto, diante desses apontamentos surgem questões importantes: há diferença nessa diversidade de atos cometidos pelos adolescentes? E mais especificamente no contexto deste trabalho, há uma especificidade na dinâmica psíquica do adolescente que passa ao ato pelo caminho da agressão sexual? Como é o funcionamento psíquico desses adolescentes? Qual é a função do agir nesses casos? De que forma os arranjos narcísicos e identitários desses sujeitos são evocados? Como a passagem ao ato sexual violento se inscreveria no processo de reatualização dos fantasmas incestuosos e parricidas? Os adolescentes teriam passado por processos que permitiriam o uso da agressividade em um

registro secundário ou seria um processo mais arcaico de defesa narcísica e identitária, de uma violência fundamental?

Diante desses questionamentos, este trabalho teve como objetivo analisar o funcionamento psíquico dos adolescentes que praticaram ato sexual violento nos aspectos relativos ao eixo narcísico-identitário visando contribuir com o aprimoramento das avaliações psicológicas e com a intervenção clínica.

O desenvolvimento deste trabalho foi realizado em quatro capítulos. No primeiro, foram abordados os aspectos teóricos sobre as especificidades das transformações da adolescência. Como um preâmbulo, foram apresentadas informações sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dos adolescentes em conflito com a lei no Brasil e no Distrito Federal. Logo em seguida, foi abordada a adolescência influenciada pelo contexto social e cultural (Levisky, 1998), a síndrome normal da adolescência (Knobel, 1970/1981) e a crise de identidade (Erikson, 1968/1987). Na perspectiva de pesquisadores franceses contemporâneos, foi introduzida a questão do arrombamento pubertário (Gutton, 1990, 2002), os remanejamentos narcísicos e objetais da adolescência (Emmanuelli & Azoulay, 2008; Jeammet & Corcos 2001/2005; Marty, 2006) e as bases narcísicas (Jeammet & Corcos, 2001/2005; Jeammet, 2006). Além disso, o conceito de narcisismo proposto por Freud (1914/2006) e a importância das primeiras relações com uma mãe suficientemente boa (Winnicott, 1965, 1975, 1983, 1989/2011) foram relevantes para a compreensão das transformações da adolescência que evocam maciçamente as bases narcísicas.

Ainda no primeiro capítulo foram apresentadas as hipóteses da passagem ao ato na adolescência como uma tentativa de proteção do narcisismo e da identidade (Jeammet, 2005, 2006) e uma tentativa de simbolização (Marty, 2000, 2010, 2012). Essas hipóteses foram agregadas aos conceitos de violência fundamental e agressividade de Bergeret (1972/2006, 1993) e a privação de Winnicott (1987/2005, 1989/2011). A passagem ao ato

sexual violento foi discutida a partir da perspectiva da dificuldade dos sujeitos lidarem com a dialética atividade-passividade, preponderantemente no que concerne ao feminino (Balier, 1996, 2008; Roman, 2004, 2012; Chagnon, 2008, 2009, 2012).

Ainda neste capítulo são abordadas as contribuições da análise do método de Rorschach referentes ao investimento nos limites; investimento libidinal na representação de si; efeitos dos investimentos narcísicos sobre a relação de objeto; utilização de defesas narcísicas e seus efeitos. A análise desses aspectos permitirá encontrar os pontos de fragilidade e de suporte para as bases narcísicas dos adolescentes (Emmanuelli & Azoulay, 2008). Além disso, discutiu-se as contribuições das técnicas projetivas para o processo de avaliação e análise do agir .

No segundo capítulo, é apresentada a abordagem metodológica do trabalho, com enfoque na discussão de grupo único proposto por Hussain (1992-1993) e no estudo de caso clínico (Ludke & André, 1986; Turato, 2000, 2003).

Na terceira parte foi realizada a apresentação e discussão de quatro casos de adolescentes que praticaram ato sexual violento, utilizando-se das entrevistas clínicas semidirigidas e do método de Rorschach. São aprofundados na discussão dois casos clínicos de adolescentes que cometeram ato sexual violento.

Por fim, abordou-se na última parte as considerações finais do trabalho levantando as contribuições para a avaliação psicológica e a intervenção com os adolescentes que praticaram ato sexual violento.

CAPÍTULO I

AS TRANSFORMAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA, O AGIR E AS CONTRIBUIÇÕES DAS TÉCNICAS PROJETIVAS

Que vai ser quando crescer? Vivem perguntando em redor. Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três. E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível ser? Dói? É bom? É triste? Ser: pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas? Repito: ser, ser, ser. Er. R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso escolher? Não dá para entender. (Carlos Drummond de Andrade, 2001, p. 1015)

A criação, em 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) trouxe novas formas jurídicas para lidar com a infância e a adolescência. Com o Estatuto, foram criadas medidas não somente para punir, mas principalmente com o intuito de assegurar proteção a esses sujeitos em desenvolvimento. No caso específico dos adolescentes que cometem ato infracional, foram estabelecidas medidas de caráter socioeducativo com a finalidade de proteger e também de responsabilizá-los por seus atos.

Em 2009, após 19 anos da implementação do ECA, observa-se grande número de jovens em atendimento socioeducativo, mais especificamente 17.856 no Brasil. O levantamento realizado pela Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente (SNPDCA), em 2009, aponta o Distrito Federal entre os dez estados com maior população de adolescentes em cumprimento de medida de internação e internação provisória (Brasil, 2009). No entanto, praticamente não existem dados relativos aos atos infracionais de violência sexual praticados por adolescentes (Costa, Junqueira, Ribeiro, Meneses, 2011).

No cumprimento das medidas socioeducativas, a perspectiva do trabalho do profissional que atende no campo da justiça é desenvolvida, na maior parte das vezes, com o enfoque no campo da intervenção socioeducativa, qualificando o trabalho com a rede

social do adolescente e as intervenções comunitárias, como previsto no Estatuto. A complexidade do agir adolescente, no entanto, tem nos levado a refletir sobre a necessidade e a urgência de se prever intervenções com enfoque no campo clínico e da saúde mental para esta população. Formas de acompanhamento clínico que qualifiquem a escuta e a subjetividade do adolescente e considerem a dinâmica psíquica do jovem, bem como as peculiaridades do desenvolvimento desse período.

Nessa perspectiva, a avaliação psicológica do adolescente pode contribuir na compreensão de cada caso, viabilizando o cuidado e a intervenção com o adolescente, considerando aspectos específicos de sua dinâmica psíquica. Essa individualização da intervenção, seja ela no campo jurídico ou da saúde, pode possibilitar a diminuição da iatrogenia e da cronificação do agir. Partimos do pressuposto que para realizar intervenções com os adolescentes, é necessário compreender e avaliar a dinâmica psíquica, as fragilidades e os recursos desses adolescentes, principalmente no que se refere às bases narcísicas e às identificações suscetíveis aos remanejamentos próprios desse período.

1.1 As transformações da adolescência

A adolescência, como é percebida na pós-modernidade, é uma construção social e cultural que surgiu com a industrialização e o desenvolvimento da burguesia. Problematizar sobre a adolescência, na sociedade ocidental, implica a compreensão dos aspectos biológicos, psicológicos, e também dos sociais e culturais. Esses aspectos somam-se à análise das transformações psíquicas e às exigências sociais de maturidade, independência e responsabilidade que influenciam os jovens na travessia desse período. Quanto mais complexa for a sociedade, maiores serão as exigências que o jovem enfrenta (Levisky, 1998).

A cultura e o contexto social influenciam o desenvolvimento da subjetividade do adolescente no que se refere aos seus aspectos psíquicos e ao remanejamento pulsional. Sobre esta questão, Levinsky pontua que “a vida coletiva, em sociedade, acrescida dos processos de corticalização com sua capacidade simbólica, faz com que haja mudanças nas formas de expressão da vida pulsional” (1998, p. 23).

As questões relacionadas à cultura, os aspectos sociais, econômicos e políticos, se entrelaçam ao processo adolescente em seus aspectos singulares, como as transformações do corpo e do psiquismo. Numa perspectiva psicanalítica mais tradicional, o adolescer é um período de crise e de desequilíbrio ou mesmo de mudanças intensas que demandam um trabalho psíquico de elaboração, podendo até ser caracterizado como uma “síndrome normal”. Também há uma concepção mais genética, que considera esse momento como uma finalização da infância visando chegar à idade adulta (Erickson, 1968/1987; Blos, 1985/1998; Knobel, 1970/1981).

A adolescência concebida como crise relacionada à identidade é abordada por Erikson (1968/1987). Para ele, a construção da identidade implica um processo pessoal e social em constante transformação. O adolescente frente às mudanças fisiológicas próprias da puberdade necessita rever suas posições infantis frente à incerteza dos papéis adultos que se apresentam a ele. Nesse período, ocorre uma crise em que o jovem, em busca de sua identidade, enfrentará uma profunda desestruturação, com desequilíbrios e instabilidade. “A formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultânea, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam” (Erikson, 1987, p.21). É no período da adolescência que o indivíduo vai questionar as construções dos períodos anteriores, próprios da infância.

Nesse momento de intensos questionamentos, o adolescente será confrontado com o processo de luto pelo corpo, identidade e pais da infância (Aberastury et al., 1970/1981). Com a “síndrome normal” o processo adolescente parece estar demarcado por uma sintomatologia específica, um lugar até mesmo nosográfico. Dentre as características desse período são apontados os seguintes aspectos: busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; intelectualização e fantasia; crises relacionadas à religiosidade; deslocalização temporal; sexualidade em direção à genitalização adulta; atitude social reivindicatória; contradições; progressiva separação dos pais e flutuações do humor (Knobel, 1970/1981).

Para além dessas produções teóricas psicanalíticas clássicas, em que fica evidente a necessidade de um reordenamento da vida psíquica, Jeammet e Corcos (2001/2005) questionam: o que pode dar força ao processo adolescente e suscitar um caráter violento às fixações infantis? Atualmente, pesquisadores franceses têm aprofundado essa questão, abordando de forma mais complexa, do ponto de vista econômico e dinâmico, os remanejamentos e as modificações desse período, ressaltando a problemática do traumatismo e das dimensões narcísicas-identitárias inerentes a esse período (Marty, 2000; Gutton, 1990, 2002; Chagnon, 2009; Braconnier & Marcelli 2000).

Philippe Gutton (1990, 2002) problematiza o processo adolescente considerando esse momento como sendo atravessado por uma violência interna de essência pubertária vinculada às transformações corporais e psíquicas da puberdade. O pubertário seria o correspondente psíquico do que acontece no corpo. O arrombamento pubertário, e seus consequentes remanejamentos psíquicos relativos à violência nova e real do corpo – que recoloca as instâncias psíquicas (ego, id e superego) em uma situação de inadaptação – a pressão da pulsão na busca de um novo objeto genitalizado, a entrada no possível da cena edípica, todo esse processo é vivenciado pelo adolescente de forma violenta.

Além do arrombamento pubertário, para Gutton, (1990), o adolescente é solicitado a lidar com o processo de separação, de perda objetal, momento no qual ele tem de se haver com a posição depressiva. Com as diversas perdas a serem elaboradas e significadas pelo adolescente (corpo infantil; estabilidade da imagem corporal; completude bissexual e sua onipotência; os pais da infância) o jovem precisará realizar o trabalho de separar-se dos objetos edipianos, admitindo a ambivalência na ligação com esses objetos, sem efetivamente perdê-los. Esse processo solicitará recursos narcísicos e um direcionamento a novos objetos, portanto, há uma solicitação tanto da realidade interna quanto externa (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

Ao falar acerca da interiorização e da diferenciação, Jeammet e Corcos (2001/2005) resgatam a construção das relações objetais e a constituição de um mundo fantasmático a partir das primeiras relações objetais e das zonas erógenas. Após a construção de objetos internos, o indivíduo se reconhece e se diferencia dos demais. A libido, distanciada dos objetos edipianos, busca novos objetos e retorna ao ego, intensificando o narcisismo. Esses dois eixos (narcísico e das relações objetais) são solicitados no momento da adolescência e corre-se o risco de, ao invés de se constituírem como complementares, se tornarem antagônicos. Segundo Emmanuelli e Azoulay (2008), os arranjos narcísicos na adolescência serão explicitados por meio do sentimento de continuidade advindo dos cuidados maternos proporcionados na primeira infância, pelos limites bem definidos e pela interiorização dos objetos.

Emmanuelli e Azoulay (2008) apontam que as problemáticas da adolescência são reativadas por três eixos organizadores: complexo de Édipo, narcisismo e elaboração da perda de objeto. Optou-se, neste trabalho, compreender de maneira mais aprofundada as questões relativas ao eixo narcísico-identitário, considerando que as demandas edípicas e objetais perpassam e entrelaçam a dimensão abordada.

Desde a publicação do texto freudiano acerca do narcisismo (Freud, 1914/2006) o estudo deste tema é controverso e abre discussões relativas ao conceito de narcisismo primário (Laplanche & Pontalis, 2001/2004; Garcia-Roza, 1984/2005, 1995; Boulanger, 1972/2006). Porém, neste trabalho, para além dos embates teóricos amplamente discutidos e não consensuais, é necessário um resgate dos principais apontamentos de Freud, em 1914, como base para as discussões posteriores.

O termo narcisismo já havia sido utilizado em outros textos (1905/2006, 1910/2006, 1911/2006, 1913/2006) antes de ser o tema central do artigo de 1914. A partir do estudo psicopatológico das parafrenias (paranoia e esquizofrenia) onde a libido é retirada dos objetos externos e direcionada ao ego, sem o recurso a fantasia, Freud (1914/2006) compreende o sintoma megalomaniaco como uma manifestação de uma condição experimentada anteriormente pelo sujeito. Desta forma, são introduzidos os conceitos de narcisismo primário e secundário.

Primeiramente, no autoerotismo a pulsão encontra satisfação nas zonas erógenas do corpo, estando o desenvolvimento da sexualidade infantil apoiado em um substrato biológico. Neste momento não há uma unidade, um eu organizado, e a pulsão é parcializada, sendo necessária uma “nova ação psíquica” adicionada ao autoerotismo para que o narcisismo se estabeleça. Assim, o narcisismo primário, pulsão direcionada ao ego se constituiria entre a fase autoerótica e a relação de objeto. Nesse processo, a função parental é essencial, pois na relação com o filho, os pais reproduzem e revivem o narcisismo e a onipotência infantil, abandonada por eles em decorrência do princípio de realidade (Freud, 1914/2006).

O narcisismo surge deslocado para o ego ideal que abriga a onipotência infantil e o narcisismo dos pais projetado no infante. Ao longo da constituição do aparelho psíquico, principalmente o desenvolvimento do ego, o sujeito fica diante de exigências externas que

o impulsionam a um ideal do ego. Há uma busca por objetos para alcançar a satisfação libidinal e é nesse processo que a sublimação está vinculada. No entanto, a sublimação pode ser estimulada pelo ideal do ego, na medida em que reivindica maiores exigências de satisfação, mas a execução da sublimação é independente do ideal. Do mesmo modo em que o ego encontra-se pouco investido em decorrência das catexias objetais, a satisfação alcançada devido às exigências do ideal retorna ao ego (Freud, 1914/2006).

Como dito anteriormente, a adolescência é um momento crucial da vida que solicita de forma determinante uma reorganização das pulsões, do ego e dos arranjos narcísicos (Marty, 2006). Sem a pretensão de discutir a distinção proposta por Freud entre narcisismo primário e secundário, alguns psicanalistas franceses falam em bases narcísicas. Segundo Jeammet (2006), as bases narcísicas dependem da qualidade dos investimentos objetais, o que remete a uma situação paradoxal: “como ser si mesmo se, para sê-lo, é preciso ao mesmo tempo ser como o outro e se diferenciar do outro?” (Jeammet & Corcos, 2001/2005, p. 56). Essa contradição pode ser compreendida a partir de apontamentos da teoria de Winnicott (1983), que remontam às experiências precoces do lactente e o cuidado materno.

A jornada que envolve a passagem do estado de dependência absoluta para os investimentos objetais implica nos cuidados de uma mãe suficientemente boa, que, segundo Winnicott (1975), não é necessariamente aquela que possui laços de consanguinidade com o infante, mas se constitui em uma função que pode ser exercida por uma pessoa substituta. De modo geral, a mãe desenvolve uma identificação com o bebê que a deixa sensível às necessidades do lactente. A partir dessa identificação, a mãe será capaz de propiciar um *holding* e um ambiente oportuno ao desenvolvimento saudável da criança (Winnicott, 1983).

O *holding* envolve a experiência do cuidado, suporte e amparo principalmente no aspecto físico da relação mãe-bebê, sendo a partir do contato corporal que a mãe demonstrará seu afeto para com o infante. Além disso, o *holding* abrange a proteção do lactente em relação a uma agressão fisiológica; a sensibilidade do infante em relação ao seu corpo, o que envolve tato, temperatura, audição, visão; a rotina de cuidado e as transformações que serão feitas nesta relação a partir do desenvolvimento físico e psicológico do bebê (Winnicott, 1983). Porém, quando o processo de *holding* falha, Winnicott (1965) aponta para o aparecimento de angústias relacionadas à sensação de estar aos pedaços, desintegrado e a sensação de que a realidade externa não se constitui como um continente das excitações.

Destarte, a mãe suficientemente boa será capaz de dar suporte ao bebê tanto nas necessidades fisiológicas quanto nas demandas psíquicas. Ao longo do desenvolvimento da criança, a mãe, que anteriormente atendia de maneira quase completa todas as necessidades do bebê, agora irá ajudá-lo na tarefa de lidar com a frustração e o sentimento de impotência. Essa experiência irá suscitar na criança a percepção de que há um limite temporal para a frustração, e que alternativas podem ser construídas para lidar com a falta, como por exemplo, a satisfação autoerótica, o recordar, o reviver, o fantasiar e o sonhar (Winnicott, 1975).

A construção descrita anteriormente preconiza a importância do ambiente para o desenvolvimento da criança e será a base para as relações objetais. Quando a mãe é um suporte para a experiência de onipotência e, posteriormente, para a adaptação ao princípio de realidade, a criança caminha para o investimento objetal. Desse modo, o objeto deixa de ser percebido subjetivamente para se inscrever na realidade objetiva (Winnicott, 1989/2011).

Realizado o paralelo com a teoria winnicottiana, é possível retomar o conceito de bases narcísicas proposto por Jeammet (2001/2005; 2006). As bases narcísicas estão vinculadas à qualidade dessas interações precoces e ao processo de investimento do bebê em seu corpo (autoerotismo). Se no decorrer do desenvolvimento a mãe suficientemente boa propiciou a interiorização dos vínculos, “não há conflito entre a necessidade da ligação, da apetência de receber essa dependência do objeto, e a necessária autonomização. Um se alimenta do outro” (Jeammet, 2001/2005, p. 59). De modo geral, as bases narcísicas possibilitam o suporte para o sentimento de continuidade e segurança nas relações objetais (Jeammet & Corcos, 2001/2005; Emmanuelli & Azoulay, 2008).

A centração narcísica é inerente ao processo adolescente na medida em que, diante do encontro com o outro, prevalecem questões que remetem ao eu como a inquietação devido às modificações corporais, as preocupações relacionadas à sua integridade e ao potencial de sedução (Emmanuelli, 2011). Com uma nova modalidade pulsional, a sexualidade é colocada à prova e o conflito edipiano torna-se mais temerário à constituição narcísica do adolescente, devido a sua maturidade sexual (Emmanuelli & Azoulay, 2008). Diante disso, fica evidente que o corpo ocupa um lugar essencial no processo adolescente no que tange a encruzilhada do íntimo e do relacional (Emmanuelli, 2011) e que ressoa na representação de si do adolescente.

Segundo Rausch de Traubenberg e Sanglade (1984), o conceito de representação de si remete ao inconsciente em suas dimensões corporais e relacionais. Nesse sentido, abarca a imagem corporal, a identidade e os processos de diferenciação, individuação e identificação. Os investimentos narcísicos e objetais são indicativos da representação de si.

Como dito anteriormente, em uma fase da vida em que o corpo ocupa uma posição privilegiada, a adolescência é um momento revelador da solidez e da qualidade das bases narcísicas (Emmanuelli & Azoulay, 2008). A centração narcísica demanda uma retração

temporária do investimento libidinal no objeto para o investimento no eu, todavia, esse processo pode trazer implicações contraditórias. Em sua dimensão favorável ao desenvolvimento, o narcisismo possibilita a manutenção da unidade psíquica do adolescente e, ao mesmo tempo, a autonomia em relação ao objeto. O sujeito depara-se com uma situação paradoxal, em que é necessário ter autonomia e também estar ligado ao objeto, apresentar investimentos em figuras de referência e ter espaços de encontro consigo mesmo para conseguir desenvolver sua capacidade simbólica. No entanto, quando o investimento narcísico é excessivo, corre-se o risco de uma ruptura com o exterior, acarretando “um defeito de circulação entre ego e não ego, com risco de ruptura entre o ego e os objetos externos, assim como entre o ego e seus objetos internos, provocando o recurso à clivagem” (Emmanuelli & Azoulay, 2008, p.128).

Diante de transformações e remanejamentos pulsionais alguns mecanismos de defesa são evocados pelos adolescentes. Alguns modelos defensivos, como por exemplo, a intelectualização, o ascetismo, a clivagem e outros mecanismos associados a estes, são utilizados com maior frequência pelos jovens ao se depararem com as pulsões sexuais e agressivas. Para lidar com os afetos ligados à ruptura de laços infantis, utilizam mecanismos como o deslocamento da libido, o retraimento da libido no Eu e a regressão (Jeammet & Corcos, 2001/2005).

Outro mecanismo utilizado pelos adolescentes é o que Marty (2012) denominou “paranoia comum da adolescência”, fundamentado na projeção. Diante de desejos parricidas insuportáveis ao consciente, o jovem localiza na figura parental sua violência e reage frente ao risco de ser destruído. À medida que a violência tem a possibilidade de ser conflitualizada e transformada em agressividade, a ameaça narcísica se dissipa. Esse processo exige do adolescente um deslocamento do externo (projeção) na direção do interno (eu) na constituição de um espaço psíquico que conflitualizará a violência. “A

paranoia comum seria apenas uma etapa de um processo onde a perseguição dá lugar à integração, ou mesmo à identificação” (p. 20). Contudo, nos adolescentes que apresentam bases narcísicas frágeis, o momento de elaborar a violência pode ser particularmente difícil e possibilitar a passagem ao ato.

1.2 O agir adolescente

A problemática do agir remete à distinção entre a violência fundamental e a agressividade. Bergeret (1972/2006, 1993) discute os dois conceitos, mostrando os seus entrelaçamentos e diferenciações, utilizados, nesse estudo, na compreensão das hipóteses da passagem ao ato na adolescência.

A violência está presente desde a origem do humano e constitui uma força instintual destinada à defesa da vida em seus aspectos mais elementares. Nos primeiros anos de vida, o infante se relaciona com os objetos de forma especular e pré-ambivalente. O outro é um “não-Si-mesmo”, determinado de forma precária e idealizada, e qualquer ataque a esse objeto externo não tem uma pretensão “boa” ou “má”, mas tem a finalidade de proteger narcisicamente o sujeito. Ao longo do desenvolvimento, essa violência fundamental irá integrar-se à corrente libidinal e à passagem desse primeiro momento, eminentemente narcísico, para uma verdadeira relação objetual torna possível o registro da agressividade.

Dessa forma, a partir de um processo mais elaborado relacionado à libidinização secundária e ao complexo de Édipo fundamenta-se a agressividade. Agora, o sujeito pode alcançar satisfação erótica por meio de um objeto distinto dele e que, ao mesmo tempo, pode ser atacado por meio do sadismo e também ser amado.

A integração dos movimentos violentos fundamentais requer as bases narcísicas do sujeito e, quando estas estão fragilizadas, esse percurso apresenta falhas. Especialmente na

adolescência, este aspecto fica patente na dificuldade em integrar o conflito edípiano devido às vulnerabilidades do desenvolvimento precoce do sujeito. A violência desintegrada pode associar-se a elementos edípicos e estabelecer de forma fragmentada a agressividade, bem como manifestações sádicas e masoquistas rudimentares (Bergeret, 1972/2006, 1993).

A questão que se coloca é como possibilitar aos jovens que a violência essencial seja canalizada e utilizada para fins positivos e criativos, ao invés de estar a serviço de uma passagem ao ato destrutiva para o próprio adolescente como para os outros.

As patologias do agir se configuram de forma independente do diagnóstico e de uma estrutura da personalidade. Nesse sentido, é necessário pensar em fatores econômicos que abrangem essa problemática. A passagem ao ato na adolescência remete ao registro da violência fundamental e, para Jeammet (2006), a patologia do agir está relacionada à dificuldade do aparelho psíquico em exercer a função de paraexcitação. O ato seria uma tentativa de proteção do narcisismo e da identidade. No entanto, esta defesa utilizada pelo adolescente mostra-se ineficiente ao buscar no mundo perceptivo-motor um controle das tensões e dos conflitos intrapsíquicos. Se em um primeiro momento a passagem ao ato protege o ego, esta impossibilitará o trabalho de ligação entre afeto e representação e implicará em uma falta de investimento egoico.

Marty (2000, 2010, 2012) também indica a falta de apoio do sistema de paraexcitação para conter e transformar a demanda pulsional. A passagem ao ato seria uma tentativa de simbolização ao tratar na realidade externa o que não pode ser elaborado internamente, um modo de obter alívio da angústia provocada pela excitação pulsional. Esse autor emprega uma metáfora interessante para a compreensão desse aspecto: o aparelho digestivo da aranha (Marty, 2010). Para se alimentar, esse inseto necessita degradar o alimento fora de seu corpo, pois não possui um sistema digestivo que realize

esse trabalho. De modo semelhante, nos adolescentes que passam ao ato de forma violenta parece não haver espaço psíquico interno para metabolizar a violência. Os recursos psíquicos para escoamento pulsional deveriam ter sido desenvolvidos ao longo do período de latência.

Esse tempo do desenvolvimento infantil que decorre do declínio do complexo de Édipo até o princípio da puberdade é relevante na construção de bases para lidar com excitações internas e externas e o desenvolvimento de um espaço psíquico interno. A construção de uma via de satisfação pulsional que vá além da perceptivo-motora se configura aqui, buscando novos objetos e abrindo espaço para a sublimação. Além disso, no período de latência serão construídos os mecanismos de defesa que na adolescência serão colocados à prova (Marty, 2012).

Em uma perspectiva anterior à latência, Winnicott (1987/2005) aponta a origem da tendência antissocial como ligada à privação nas relações do bebê com seus objetos primários e a capacidade de envolvimento que o infante apresenta. Nos cuidados dispensados ao bebê, a mãe é percebida por este de duas formas distintas e desintegradas: a mãe-objeto e a mãe-ambiente. As necessidades fisiológicas do infante são atendidas pela mãe-objeto, que possui o objeto parcial (seio). O bebê experimenta uma relação fusional intensa com a mãe-objeto em que as pulsões aparecem de maneira destrutiva, com fantasias sádico-orais. No entanto, além desses cuidados físicos, é imprescindível uma sustentação psíquica da mãe-ambiente que garanta proteção e segurança. Aos poucos, a criança integra a mãe-objeto com a mãe-ambiente, o que possibilitará sua independência em relação à figura materna e a constituição egoica. Essa integração possibilitará que a criança desenvolva o sentimento de culpa. A culpa está ligada à responsabilidade de assumir os sentimentos de amor e de ódio e construir possibilidades de reparação e

envolvimento. Num contexto em que há confiança e continuidade a capacidade de envolvimento surgirá.

Ao referir-se ao sentimento de continuidade e confiança, Winnicott (1987/2005) preconiza a importância de um ambiente favorável propiciado pelas figuras parentais. Além de possibilitar cuidados corporais e alimentação, é necessário que a figura materna suporte a destrutividade advinda do bebê. Essa destrutividade está relacionada às ansiedades presentes na primeira infância na posição esquizo-paranoide. Esse impulso destrutivo, sádico-oral, é experienciado no primeiro objeto do infante com a mãe-objeto. O seio materno é ao mesmo tempo odiado e amado. Após a posição esquizo-paranoide o infante depara-se com a fase depressiva em que, dependendo da fase anterior, haverá uma integração maior do ego e a introjeção do objeto inteiro. A elaboração da posição depressiva é essencial para a construção dos sentimentos de perda, culpa e reparação (Klein, 1969/1982).

Para Winnicott (1989/2011), a depressividade é constitutiva do ser humano e possui em si possibilidades de reparação. O humor depressivo resgata a força do ego e a maturidade individual. Em contextos de privação, a criança sofre um “desapossamento”, o que marca a perda de algo significativo e o esquecimento dessa vivência que anteriormente havia sido boa.

A questão que se apresenta na experiência da perda está vinculada à constituição egoica. No caso da tendência anti-social, a perda ocorre num período em que o ego não está preparado para elaborar o luto da perda objetual. O processo de luto implica vivenciar o ódio e ainda assim o ego permanecer; dessa forma, o indivíduo é capaz de elaborar a falta.

Na busca pelo objeto, a criança ou o bebê fazem tentativas para que o ambiente suporte as agressões. As atuações são uma forma de organizar o mundo interno e lidar com o incômodo e a agressividade. Nesse sentido, o ambiente “deve dar nova oportunidade à

ligação egoica, uma vez que a criança percebeu uma falha ambiental no apoio ao ego que redundou originalmente na tendência anti-social” (Winnicott, 1987/2005, p. 147). Além disso, o ambiente, as instituições de referência e as figuras parentais devem dar o suporte, *holding*, no sentido de conter a agressividade e oferecer novas possibilidades de investimentos objetais.

Diante disso, o apoio narcísico parental é fundamental para que o adolescente não se sinta desamparado. O suporte de adultos de referência oferece bases para que, no momento da reorganização identificatória, o adolescente escolhe novos objetos para investir e dar continuidade ao seu desenvolvimento de forma criativa a serviço da vida (Gutton, 1990).

A passagem ao ato sexual violenta apresenta pontos em comum com as hipóteses levantadas anteriormente por Jeammet (2005, 2006), Marty (2000, 2010, 2012) e Winnicott (1987/2005). A seguir, essas hipóteses serão discutidas por Balier (1996/2008), Roman (2004, 2012) e Chagnon (2008, 2009, 2012) de forma direcionada à passagem ao ato sexual violento.

1.3 O agir sexual violento

O primeiro aspecto a ser observado é o afastamento da concepção clássica e restritiva da passagem ao ato sexual violento como um sintoma pertencente a uma estrutura cristalizada e sem possibilidade de mudança. Principalmente quando este comportamento está presente na adolescência, é necessária uma compreensão abrangente, a partir de pressupostos econômicos e dinâmicos, como preconiza Chagnon (2009).

Em seu estudo, Balier (1996/2008) indica que o comportamento sexual violento está desvinculado do desejo sexual genital, porém relacionado a uma problemática essencialmente primitiva, referente à constituição psíquica, ao processo de subjetivação. A

dissociação entre a representação e uma forte carga afetiva livre dá origem a fobias da ordem da histeria de angústia. Essas fobias primitivas são uma forma de lutar contra o aniquilamento e a desobjetivação e, nesse sentido, a passagem ao ato seria uma forma de investir em objetos externos contra fóbicos que teriam uma função de reassegurar o narcisismo. Na adolescência com a reativação dos conflitos edipianos essas angústias reaparecem, sendo fundamental a sua elaboração. A angústia de aniquilamento mobiliza defesas radicais como a clivagem do eu, baseada na recusa da realidade. No comportamento sexual violento, essa recusa se estenderá ao seu sentido mais regressivo na negação da falta do objeto primário materno e na recusa da separação.

No contexto de constituição psíquica, a imago materna arcaica torna-se um fator importante. Como apontado anteriormente na teoria winnicottiana, a relação entre mãe-bebê será um suporte para a subjetivação. Uma hipótese rapidamente levantada nos casos de passagem ao ato sexual violento seria a de uma imago materna de potência, fálica, da qual o sujeito temeria uma invasão. No entanto, Balier (1996/2008) aponta para uma imago materna frágil, incapaz de conter a destrutividade que o bebê direciona a ela. Diante disso, as relações objetais se dariam num contexto de identificações primárias, numa relação com o outro em forma de “captura especular”¹, com a duplicação narcísica de uma imagem interior. A figura materna não seria um objeto interiorizado, mas uma parte de si mesmo.

Independente de como o ato foi cometido, seja de forma planejada ou por meio de um impulso momentâneo, Balier (1996/2008) aponta que a premeditação não exclui uma intensa exigência do psiquismo em direção à descarga. Essa urgência evidencia os precários limites estabelecidos entre interior/exterior e a dificuldade da função de

¹ Tradução livre.

paraexcitação. Essa questão também está presente nas diversas modalidades de passagem ao ato como apontaram Jeammet (2006) e Marty (2000, 2010, 2012).

Assim como Balier (1996/2008), Roman (2012) considera que a dimensão da sexualidade genital está ausente no agir sexual violento. Em seu trabalho com adolescentes em diversos casos judiciais envolvendo este tipo de ato, ele ressalta a problemática do “mesmo”² e a relação entre autor e vítima vinculada ao registro da igualdade. Esse elemento de paridade pode estar relacionado à idade próxima entre o autor e a vítima, o pertencimento a uma mesma família (biológica ou não) e o conhecimento por parte do autor acerca dos interesses e atividades da vítima.

As transformações do arrombamento pubertário (Gutton, 1990) colocam o adolescente diante de uma falta de controle do seu corpo, que remete à passivação, ao trabalho do feminino. Este trabalho está relacionado à interiorização, ao desvincular-se dos objetos infantis e à construção de relações objetais que estarão apoiadas na forma como o infante lidou com a ausência do objeto primário (Roman, 2012).

No agir sexual violento, o trabalho do feminino pode se configurar na dialética passivo-ativo negando as diferenças e, por outro lado, mobilizando o olhar. Nos atos sexuais violentos cometidos individualmente com vítimas pré-púberes, do sexo masculino ou do feminino, o ato seria uma forma de lutar contra a angústia de aniquilamento. O adolescente testaria a vivência de passividade ao impor-se ao outro.

Por outro lado, as agressões cometidas em grupo trariam uma necessidade de reassentimento narcísico, de reconhecimento através do olhar do outro. O adolescente alternaria nas posições ativa e passiva com o apoio do grupo (Roman, 2012).

Ainda falando da dificuldade de lidar com a posição passiva, Chagnon (2008, 2009, 2012) traz a passagem ao ato sexual violenta como ligada ao superinvestimento na

² Tradução livre.

atividade. Nesse sentido, propõe a hiperatividade na infância como um fator de risco para a passagem ao ato sexual violento na adolescência. O sujeito, fixado numa posição fálico-castrada, não tem acesso às identificações bissexuais e recusa a falta, a incompletude. A agressão sexual é uma tentativa de resgatar o eixo narcísico-identitário que se encontra fragilizado na adolescência.

O autor também aponta a dificuldade em estabelecer uma tipologia dos abusadores sexuais adolescentes, já que a passagem ao ato poderia indicar tanto resquícios da sexualidade infantil perverso-polimorfa em direção à genitalização quanto um ponto de partida para um caminho de transgressões perversas no adulto.

1.4 Métodos projetivos na avaliação de adolescentes

O processo adolescente, como apontado anteriormente, demanda um intenso trabalho de remanejamento psíquico que perpassa questões narcísicas e identitárias. Nos métodos projetivos, principalmente no Rorschach e no Teste de Apercepção Temática (TAT), é possível observar o eixo narcísico-identitário de forma mais ampla (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

O uso de técnicas projetivas, numa perspectiva psicodinâmica, contribui para a compreensão do funcionamento psíquico do sujeito, indicando recursos da personalidade e potencialidades para mudanças (Chabert, 2004). Nesse sentido, os processos regressivos são evocados maciçamente privilegiando a projeção do funcionamento psíquico primário, com base no princípio de prazer (Anzieu, 1989).

Para Chabert (2004), os métodos projetivos empregados com maior frequência na área de Psicologia Clínica e Psicopatologia são o Rorschach e o Teste de Apercepção Temática. Utilizados conjuntamente, propiciam uma compreensão privilegiada da dinâmica psíquica dos adolescentes em decorrência dos aspectos complementares e

idiossincráticos de cada prova. Mesmo considerando a importância dessa associação de técnicas, neste trabalho, no entanto, foi privilegiado o método de Rorschach.

Apesar de sua ampla utilização, a construção de normas e a validação do Rorschach para adolescentes no Brasil, na abordagem francesa, são recentes. Devido à ausência de parâmetros para os adolescentes, as referências dos adultos foram utilizadas com frequência. No entanto, as diferenças entre os dois grupos são relevantes como pode ser observado na Tabela 1, que traz alguns indicadores do teste num trabalho recente de normatização empreendido por Jardim-Maran (2011).

Tabela 1 – Comparação das normas de adolescentes* e adultos** no Método de Rorschach na abordagem francesa.

Indicadores	Porcentagem Adolescente	Porcentagem Adulto	
Localização	G	35,0	43
	D	33,4	35
	Dd	30,3	19
	Dbl	1,1	1
	Do	-	1
Determinantes	F%	54,5	35,4
	F+%	55,6	58,5
	F+ext.	57,3	66,6
Conteúdo	A%	51,0	51,9
	H%	20,9	16,8
	Ban	17,0	26
Variáveis agrupadas	Proporção Adolescente	Proporção Adulto	
G:K	6,2:0,8	5,3:1,0	
K: $\sum k$	0,8:1,7	1,0:2,7	
FC:CF+C	2,1:2,0	1,0:1,0	
FE:EF+E	0,7:0,4	1,5:1,0	
R	17,6	16,05	

Fonte: *Jardim-Maran (2011) ** Pasian (2010)

A Tabela 1³ aponta as divergências nas categorias do método de Rorschach entre adultos e adolescentes. No que concerne à localização, os dois grupos apresentam um maior número de respostas globais (G), o que aponta para uma forma de apreender a realidade como um todo. Porém, a porcentagem de G dos adolescentes é mais baixa (G%=35%) do que a dos adultos (G%=43%), sendo que os jovens tendem a dar um número mais elevado de respostas em recortes parciais, com atenção a detalhes mais minuciosos (adolescentes Dd%=30,3%; adultos Dd%=19%). Outro aspecto divergente foi a ausência de respostas de detalhe oligofrênico (Do) nos adolescentes.

Com relação aos determinantes, os adolescentes (F%= 54,5%) apresentam uma tendência de abordar a realidade de maneira mais formalizada do que os adultos (F%= 35,4%), isso mostra que os jovens utilizam menos os recursos imaginativos e afetivos (respostas de movimento, cor e sombreado) que ainda estão sendo desenvolvidos. No entanto, o nível geral de precisão das análises lógicas (F+% e F+ext%) não apresentou diferença significativa entre os dois grupos. Nos adolescentes, o predomínio das pequenas cinestésias (kan, kob, kp) em relação ao movimento humano (K) indica que os recursos internos direcionados a criação e imaginação precisam ser mais desenvolvidos [(kan + kob + kp= 9,8%) > (K=4,8%) / K: $\Sigma k = 0,8:1,7$]. Nos adultos a proporção de pequenas cinestésias também está mais elevada [(kan + kob + kp= 22,3%) > (K=8,2%) / K: $\Sigma k = 1,0:2,7$]. Todavia, com o passar do tempo, o sujeito tem a sua disposição um maior potencial criativo e simbólico que não é utilizado em sua plena capacidade.

Há predominância de conteúdos animais [A] e humanos [H] nos dois grupos (adolescentes A%=51%, H%=20,9%; adultos A%=51,9%, H%=16,8%). Nos adolescentes, as respostas que incluem esses dois conteúdos [A, (A), H, (H)] aparecem em maior quantidade em comparação aos conteúdos parcializados [Ad, (Ad), Hd, (Hd)]. Porém, a

³ A nomenclatura francesa do método de Rorschach está no Anexo “E” e foi baseada nos trabalhos de Jardim-Maran (2011) e Pasian (2010).

diferença tênue entre H (8,5%) e Hd (7,5%) sinaliza que o processo de constituição e integração da identidade está incompleto. Também surgem de modo significativo, na adolescência, conteúdos pouco elaborados indicadores de angústia, como por exemplo, objeto (8,3%), anatomia (5,2%), botânica (3,7%) e geografia (2,6%).

As proporções encontradas entre respostas globais e de movimento humano ($G:K=6,2:0,8$) e entre as pequenas cinestésias e movimento humano ($K: \sum k = 0,8:1,7$) indicam que os jovens tem capacidade para agregar os elementos da realidade, mas encontram dificuldade em interpretar e elaborar esses elementos, o que manifesta uma imaturidade afetiva. Nos adultos, essa problemática também comparece: as “elevadas expectativas de apreensão global da realidade não encontram suporte interno suficiente para tal amplitude perceptiva, pois os recursos de abstração não acompanham esta mesma dimensão” (Pasian, 2011, pp. 69-70). Nas duas situações, fica evidente o potencial de dinamismo interno do psiquismo que está sendo parcialmente utilizado.

Com relação às vivências emocionais, os adolescentes apresentam um aparente controle racional sobre os afetos, mas que pode estar susceptível a falhas ($FC:CF+C=2,1:2,0$ / $FE:EF+E=0,7:0,4$). Ao longo do desenvolvimento emocional do sujeito, esse controle tende a se tornar mais eficaz.

Como visto anteriormente, as peculiaridades do funcionamento psicodinâmico dos adolescentes sinalizam a necessidade de estudos mais detalhados relativos ao Rorschach de maneira distinta dos adultos. No entanto, observa-se uma restrição de pesquisas nesta área, principalmente na Escola Francesa. Jardim-Maran (2011) realizou um levantamento de estudos normativos do Rorschach apresentados entre os anos de 2006 e 2011 em eventos científicos nacionais e internacionais de Avaliação Psicológica e Métodos Projetivos. Dos 31 trabalhos encontrados, somente 12 diziam respeito ao sistema francês e nenhum deles abarcava o período da adolescência. Dessa maneira, o trabalho de Jardim-Maran é um

marco no sentido de estabelecer referências aos profissionais que trabalham e realizam pesquisas que empregam o Rorschach na perspectiva da Escola Francesa com adolescentes.

No que se refere aos estudos com adolescentes em conflito com a lei, os trabalhos são ainda mais restritos, principalmente, quando se busca diferenciar grupos de adolescentes por problemáticas específicas, como os que cometeram ato sexual violento.

1.5 Métodos projetivos na avaliação de adolescentes em conflito com a lei

A maior parte dos trabalhos com Rorschach no Brasil, realizados com adolescentes em conflito com a lei, baseia-se na normatização de adultos (Amparo & Pereira, 2010; Santos, 2011). Ao considerar essa questão, este trabalho busca dispor de dados mais precisos dessa faixa etária na análise dos protocolos de Rorschach, utilizando-se do trabalho de normatização para adolescentes apresentado por Jardim-Maran (2011).

Diante da escassez de estudos, serão apresentados, a seguir, trabalhos que foram realizados empregando o método de Rorschach na abordagem francesa e no Sistema Compreensivo com adolescente em conflito com a lei no Brasil (Durat Júnior, 2006; Amparo & Pereira, 2010, 2010; Santos, 2011; Souza & Rezende 2012). Ressalta-se que nas pesquisas realizadas não foi encontrada delimitação de grupos específicos de adolescentes que passaram ao ato sexual violento. Dessa forma, ainda não existe número significativo de pesquisas no país que contemplem o adolescente que está sob medida por este tipo de delito na perspectiva dos métodos projetivos, especificamente o Rorschach na abordagem francesa.

Uma pesquisa recente realizada com 120 adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei, com idades entre 12 e 17 anos, levantou indicadores de validade de critério do Método de Rorschach no Sistema Compreensivo, analisando a diferença entre

aqueles que cometeram furtos e aqueles que cometeram homicídios (Durat Júnior, 2006). Os dados desse estudo denotaram que os adolescentes que haviam realizado homicídio tendiam a apresentar hostilidade em relação ao meio, revelando uma oposição negativa e desconsideração às pessoas, em uma atitude de autoafirmação com evitação de contatos mais afetivos. Esses adolescentes também não apresentavam sinais de ansiedade e tensão. O grupo que estava sob medida de restrição de liberdade por furto apresentava sinais de ansiedade e de insatisfação consigo mesmo e maior motivação para mudanças que o grupo anterior.

Outro estudo recente realizado, na perspectiva da Abordagem do Sistema Compreensivo, por Souza e Rezende (2012) com dois estudos de caso, um por homicídio e outro por furto, revela que, no primeiro caso, o adolescente envolvido com furto apresenta dificuldade em lidar com afetos e tendência a descargas emocionais violentas, com distanciamento das relações interpessoais e baixa autoestima, dificuldade com os relacionamentos interpessoais e aspectos depressivos no seu protocolo. Já o outro caso, de homicídio, o protocolo denota frieza afetiva, ausência de conflitos internos e ansiedades de natureza depressiva e de conotação disfórica, sentimento de culpa ou remorso e pensamento desordenado, os afetos e emoções são desconsiderados.

No que se refere ao sistema francês de abordagem do método de Rorschach, Amparo e Santos (2010) apresentam dois casos de adolescentes em conflito com a lei, nos quais os protocolos de Rorschach evidenciaram modos de funcionamento distintos. O primeiro caso é de um jovem de dezoito anos sob medida de liberdade assistida e que havia praticado abuso sexual contra um menino de três anos. O outro caso também é de um jovem em liberdade assistida, porém com histórico de atos infracionais praticados desde os onze anos de idade como roubo, agressão e drogas.

O protocolo de Rorschach do primeiro adolescente foi marcado pela inibição e uma racionalidade formal ($F\%=90\%$, $F+\%=60\%$, $C=0$, $K=0$, $k_p=1$, $R=11$). Havia pouca capacidade abstrativa e um intenso apego ao concreto ($D\%=72\%$), no entanto, a ligação com a realidade ficava comprometida ($F-=4$).

No que se refere ao eixo narcísico-identitário, esse adolescente apresentou uma estabilidade na representação de si e referência ao duplo em espelho nas pranchas II, III e VII. Dessa forma, o objeto no que se refere à sua integralidade é negado pelo movimento em espelho, ao mesmo tempo, comparece de forma desintegrada, parcializada nas respostas com descrições de partes do corpo. A hipótese levantada pelas autoras é a de que a inibição apresentada pelo jovem indicava os escassos recursos de mentalização, sendo a passagem ao ato uma forma de substituir o trabalho psíquico de ligação. Nesse cenário de restrito movimento pulsional, a elaboração e a simbolização não poderiam se constituir.

No outro caso, os elementos do Rorschach do adolescente são distintos comparados ao caso anterior, primeiramente, pela quantidade de respostas fornecidas no teste em um tempo reduzido ($R=62$, $T.T=12'45''$) e o surgimento da dimensão sensorial ($\Sigma C: \Sigma E=12:6,5$). A formalização encontrava-se rebaixada ($F\%=45\%$, $F+\%=45\%$).

A capacidade de simbolização e elaboração dos movimentos pulsionais encontrava-se prejudicada ($K: kan+kob=2:6$) e os acessos identificatórios pouco estáveis ($K=2$). Nas cinestésias humanas é notável o movimento pulsional agressivo e persecutório. Ademais, a maior parte dos conteúdos humanos compareceram des-caracterizados, des-subjetivados e com conotação degradante [$H=9$, $(H_d)=2$, $H_d=1$]. O mecanismo de defesa da clivagem comparece na primeira prancha em duas respostas na mesma localização, impossibilitando a unificação de objetos bons e maus: “um diabo” (inquerito) “tem uma alma dentro dele, aqui mostra uma alma, uma alma ruim” e em seguida “um anjo”. Ainda comparecem um

envelope corporal insuficientemente constituído e a falha narcísica associados a angústia disfórica e depressiva ($C'F=1$, $FClob=2$, $FC'=2$).

Apesar das diferenças encontradas nos dois casos, percebe-se que a representação de si, a capacidade identificatória e o contato com a realidade são pontos de fragilidade encontrados nesses dois adolescentes.

Em um estudo realizado por Pascal Roman (2004) na França com dez adolescentes que praticaram ato sexual violento, os jovens foram divididos em dois grupos distintos. No primeiro deles, verificou-se que, nos protocolos do Rorschach e do TAT dos cinco sujeitos (idades entre 13 e 14 anos) envolvidos em situações de abuso sem a prática de estupro, havia uma homogeneidade. O encontro clínico entre psicólogo e adolescente, na maioria das vezes, era difícil e se apresentava pela via da inibição ou da oposição. Em relação ao contexto escolar, alguns apresentavam vínculo institucional que possibilitava a escolarização, no entanto, os outros estavam afastados dos processos de educação formal. Aliadas aos contextos clínico e escolar, as técnicas projetivas apontaram para a instabilidade das bases narcísicas agregada a uma precária vinculação objetal comparecendo nas técnicas projetivas como um ataque à integridade e uma ligação volátil e persecutória com o objeto.

Neste estudo, o autor observou no primeiro grupo que a elaboração da posição depressiva estava presa a questões identitárias e a fragilidade do jogo identificatório em que a diferença de sexos e de gerações era tênue ou inexistente. A representação humana ficava diluída e apagada e no Rorschach comparecia em respostas como “*pessoas*”, “*bonecos de neve*”. No TAT as pranchas que remetem à triangulação edípica ou à relação do casal que apresenta respostas como “*agricultores*” (prancha 2) e à “*história de um casal*” (prancha 4) indicam a impossibilidade do reconhecimento das diferenças e um distanciamento das fantasias incestuosas e parricidas.

Ao contrário do primeiro grupo, o segundo apresentou contrastes acentuados, ratificando a divisão em duas subcategorias. Três adolescentes apresentaram um funcionamento pela via da sedução, o que propiciou um contato amistoso com o psicólogo no contexto clínico. O movimento sedutor também compareceu na aplicação das técnicas projetivas que apresentaram produções ricas. Percebeu-se que o processo adolescente é dominado por movimentos de retirada narcisista e objetal e construção de um objeto de ligação que reforça, de modo frágil, as bases narcísicas e a clivagem.

Os outros adolescentes estavam mais próximos de um registro psicótico, com um funcionamento em que predominaram a inibição e a negação (poucas respostas no Rorschach e recusa do TAT). Em dois casos, o apoio ao percepto do Rorschach foi inviabilizado pela falta de investimento subjetivo no objeto que não se constituiu como algo constante e consistente (resposta “*eu não vejo*” e “*eu não sei*” representam essa incapacidade).

A elaboração da posição depressiva era marcada pela negação maciça da separação. Esse mecanismo defensivo inviabiliza a elaboração da perda objetal e o sujeito não entra em contato com o luto decorrente da perda. No TAT esse aspecto foi percebido nos investimentos em elementos factuais (relacionados à realidade cotidiana) e sádicos “[...] *ela vai ser condenada a três anos de prisão*” – prancha 3).

Como ocorreu no primeiro grupo, as identificações eram frágeis e não sustentavam a elaboração do conflito. Essas identificações estavam vinculadas às representações humanas inacessíveis ou unitárias, com ênfase especial no feminino. Eventualmente reconhecida a diferença de gerações, possivelmente, essa distinção não se constituiria como organizador em decorrência da precariedade das identificações. As pranchas que possuem uma solicitação latente em termos de fantasias incestuosas e parricidas tiveram um efeito desorganizador devido ao modo de funcionamento psíquico. As marcas da

clivagem e o modo de ligação com o clínico sugerem um desenvolvimento no registro da perversão.

Chagnon (2008) analisa o caso Laurant, que envolvia o ato sexual violento de um jovem. Neste estudo de caso, ele aponta para uma identidade pouco constituída, desintegrada e indiferenciada do suporte materno. As respostas, muitas vezes, apresentavam imagens interpenetradas, confusas, pouco diferenciadas e com referências às origens e ao corpo materno. Alguns desses aspectos podem ser observados na resposta da prancha III: *“Isto me faz pensar quando uma mãe vai cuidar das crianças [...] (Inquérito) Crianças na barriga”* (D FE Echo).

As identificações efetuavam-se de maneira fálico-feminina, num modelo de fusão com a imago materna, estando ausente a imagem masculina viril. Apesar da fusão com a figura materna e o contato precário com a realidade, o sujeito – por meio de mecanismos de defesas narcísicas, como estilo rígido, respostas “pele”, desdobramento e idealização, – realizava tentativas de assegurar sua identidade.

Esses estudos apresentam enfoques diferentes e, apesar da diversidade de abordagens ou referências normativas, alguns pontos podem ser levantados como discussão sobre as fragilidades relativas às dimensões afetivas, relacionais e da organização psíquica desses adolescentes. Neste estudo, serão enfocadas as particularidades referentes ao eixo narcísico e identitário analisados a partir do método de Rorschach.

1.6 O eixo narcísico-identitário no método de Rorschach

O método de Rorschach solicita do sujeito suas bases narcísicas na interpretação das formas fortuitas. Em seu aspecto estrutural, o teste é composto por engramas compactos e bilaterais, organizados em torno de um eixo. As pranchas I, IV, V, VI e IX

são unitárias e compactas, o que possibilita a projeção de imagens que indicam a representação de si e da identidade. O sujeito será confrontado em sua capacidade de estabelecer limites entre o dentro e fora, entre o eu e o outro, que poderão indicar uma imagem do corpo diferenciada, integrada e portadora de um espaço psíquico. Por outro lado, podem surgir representações de si desintegradas e fragmentadas indicando uma problemática identitária (Chabert, 1993, 1998/2003, 2004). As pranchas bilaterais II, III e VII introduzem a especularidade e o conflito numa dimensão relacional. O outro comparece como duplo do sujeito, um reflexo de si mesmo. Integrando, simultaneamente, os aspectos unitário e bilateral, o cartão VIII possibilita a projeção de imagens que evocam a representação de si e a representação das relações (Chabert, 2004).

Além dos aspectos indicados anteriormente, as qualidades cromáticas e sensoriais do teste também suscitam o narcisismo do sujeito. A presença do negro-cinza-branco, da cor vermelha e dos tons pastéis trazem à tona, respectivamente, os sentimentos de vazio e as fantasias em relação à morte; a relação do sujeito com seus objetos internos, suas demandas pulsionais e a relação com os objetos externos (Chabert, 1993).

Apontadas as características estruturais do teste, agora serão abordados os índices da incidência do narcisismo no Rorschach ancorados nas seguintes dimensões: investimento nos limites; investimento libidinal na representação de si; efeitos dos investimentos narcísicos sobre a relação de objeto; utilização de defesas narcísicas e seus efeitos. A análise desses aspectos permitirá encontrar os pontos de fragilidade e de suporte das bases narcísicas dos adolescentes (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

Diante das mudanças provocadas pela adolescência é esperado um intenso investimento nos limites. Para que o sujeito tenha a possibilidade de realizar um investimento narcísico positivo, é necessário que a capacidade de diferenciar entre o dentro e fora, entre o eu e o outro esteja presente como um suporte mínimo para o

estabelecimento da identidade (Emmanuelli & Azoulay, 2008). O investimento nos limites será analisado no Rorschach a partir das respostas globais (G); das respostas de forma (F); da maneira como os conteúdos surgem ao longo do teste e dos conteúdos Barreira-Penetração.

As respostas globais (G) propiciam alívio frente às formas fortuitas do Rorschach. O processo de globalização envolve um esforço em combinar elementos de forma integrada, uma maneira de demarcar limites e contornos. Por outro lado, pode projetar a necessidade de integração, que é difícil para o sujeito realizar. Os engramas maciços das pranchas I, IV, V e VI favorecem a síntese e o maior número de respostas G. Nesse sentido, o sujeito emprega um menor esforço psíquico ao elencar respostas G nessas pranchas do que no restante do teste (Rausch de Traubenberg, 1998). No plano identitário, essas respostas dão espaço para a projeção da representação de si, que pode comparecer integrada, com os limites bem demarcados, ou fluída, sendo a definição entre interno e externo inconsistente (Chabert, 2004).

Segundo Rausch de Traubenberg (1998), as respostas G podem ser classificadas de acordo com o seu processo de elaboração em: simples (surgem de forma instantânea e fácil); organizadas (remetem à associação de diversos elementos do engrama); impressionistas (influenciadas pelas qualidades sensoriais da prancha); confabuladas (generalizadas a partir de um detalhe) e contaminadas (combinação incoerente de duas percepções interpenetradas). Especialmente a resposta G simples adquire importância na análise do narcisismo, por evocar a unidade de forma imediata, podendo aludir a um objeto total e a percepção de si como inteiro (Chabert, 2004). No entanto, é necessário que essa resposta seja analisada em função dos determinantes associados, que porventura conferem um significado totalmente distinto, por exemplo, se vinculada a uma má qualidade formal (F-).

Na perspectiva de Chabert (1993, 1998/2003), a delimitação de um objeto por meio de um envelope perceptivo, que comparece como uma membrana ou proteção, auxilia na distinção de fronteiras entre o sujeito e o mundo. Esse envelope comparece, preponderantemente, nas respostas formais (F) ao remeter a uma descrição objetiva que circunscreve o objeto, dando-lhe um contorno, um limite. Com base em critérios estatísticos e de boa forma, a formalização pode ter conotação positiva (F+), negativa (F-) ou imprecisa (F+-). A porcentagem de respostas formais (F%) dadas ao longo do protocolo indica a capacidade de adaptação à realidade, de estabelecer condutas de controle e de instituir fronteiras.

A qualidade das respostas F, observada a partir da porcentagem de respostas formais bem vistas (F+%), indicará a eficácia das capacidades apontadas anteriormente. O rebaixamento de F+% pode evidenciar uma dificuldade na delimitação eu/não-eu e o seu aumento, um superinvestimento defensivo (Emmanuelli & Azoulay, 2008). Esse superinvestimento aparece como uma defesa narcísica ao inibir as moções pulsionais (Chabert, 1993).

Além da análise das respostas associadas à localização e ao determinante, a apreciação dos conteúdos fornece material relevante para o estudo do investimento dos limites. Nesse sentido, é importante observar quais conteúdos comparecem no Rorschach e de que forma, se são contínuos, integrados ou fragmentados (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

Os conteúdos humanos podem comparecer inteiros [H], parcializados [Hd] ou como personagens místicos, irrealis [(H)]. As respostas H indicam a capacidade de identificação da pessoa a uma imagem humana e esta capacidade é o que fundamenta a identidade. No decorrer do protocolo, além das respostas H podem surgir respostas de partes do corpo humano (Hd). Caso as parcializações estejam acompanhadas de um maior

número de H, provavelmente a imagem de si está minimamente integrada, o que possibilita a angústia de castração, a diferença e a ausência. No entanto, se o H% for constituído praticamente por Hd, isso pode enunciar uma falha na constituição da imagem do corpo com a presença de angústias muito primitivas como a de fragmentação. As respostas [(H)] preconizam uma riqueza imaginária desde que não componha a maioria da porcentagem de H% (Chabert, 1998/2003). Segundo Emmanuelli e Azoulay (2008), na adolescência as representações humanas ou animais com registro no imaginário (gnomos, anões, fadas, etc.) indicam um afastamento apoiado no imaginário e na intelectualização.

Nas pesquisas de Pasion (2010) e Jardim-Maran (2011) tanto em adolescentes quanto em adultos, as respostas animais (A e Ad) ocorrem em maior número em relação aos outros conteúdos. O A% é um índice de conformismo e aponta para a participação do sujeito na coletividade. No entanto, quando esses conteúdos aparecem em número muito elevado este índice deixa de ser adaptativo e pode se constituir como uma defesa que afasta os contatos sociais ou infantilismo (Chabert, 1998/2003).

Nos sujeitos em que há uma fragilidade identitária podem ocorrer respostas híbridas, com imagens ao mesmo tempo humanas e animais (Chabert, 1998/2003). Esse tipo de resposta é comum em protocolos de pacientes psicóticos, como indicam os estudos de Gerencer (2012) e Amparo (1996). No entanto, não há referência a esse tipo de conteúdo na pesquisa realizada por Jardim-Maran (2011) com adolescentes.

As respostas “pele” apresentam um valor regressivo. Estão relacionadas a uma delimitação entre dentro e fora, a um envelope, um continente e a uma sensorialidade, e podem estar vinculadas a qualquer conteúdo (Chabert, 1993). Diante de um protocolo com um número elevado de respostas “pele”, levanta-se a hipótese de uma fragilidade nas barreiras entre interno/externo. A análise dessas respostas por meio da escala Barreira-

Penetração agrega elementos para o exame do investimento dos limites no método de Rorschach.

Segundo Gerencer (2012), a classificação das respostas em Barreira ou Penetração foi desenvolvida por Fisher e Cleveland no trabalho com pacientes psicossomáticos e com enfermidades somáticas crônicas. De modo geral, são cotados como Barreira (B) os conteúdos que denotam limites claros, ligados à ideia de conter e proteger. Por outro lado, as respostas que indicam limites imprecisos, que dão a ideia de passagem, comunicação entre interior e exterior são cotadas como Penetração (P). Essa distinção não é excludente, e uma resposta pode pertencer as duas categorias concomitantemente.

Fisher e Cleveland (como citado em Gerencer, 2012) estabeleceram como norma em adultos a proporção de quatro respostas de Barreira para duas de Penetração (4B:2P). Na adolescência, como indicam Emmanuelli e Azoulay (2008), ambas as categorias estão aumentadas em decorrência da vulnerabilidade narcísica desse período. Dessa forma, os adolescentes que mantêm elevadas as respostas de Barreira e Penetração e que apresentam $B > P$ ou $B < P$, têm possibilidade de investir em processos criativos no sentido da elaboração e/ou da simbolização. Os adolescentes com $B > P$ têm uma imagem de si bem integrada, ego com limites estabelecidos e o sistema de paraexcitação efetivo. Nos adolescentes mais frágeis, com $B < P$, o sistema de paraexcitação enfrenta dificuldades em proteger o psiquismo das excitações externas. No entanto, quando o aumento da pontuação Barreira-Penetração não acontece como seria o esperado na adolescência, o sujeito lida com a vulnerabilidade narcísica por meio de defesas, que muitas vezes são do registro da inibição. Os critérios da escala Barreira-Penetração baseados nas indicações de Fisher e Cleveland (como citado em Gerencer, 2012) estão no Anexo F.

Como especificado previamente, o estudo do investimento dos limites no método de Rorschach envolve a análise das respostas globais, os determinantes formais e os conteúdos. Na Tabela 2 a seguir estão descritos esses aspectos de forma concisa.

Tabela 2 – Indicadores do narcisismo no Rorschach relacionados ao investimento nos limites.

Investimento nos limites	
Indicadores	Significado
Respostas globais (particularmente as G simples)	Identidade estável (na adolescência é esperado um número maior de respostas globais em relação às respostas de detalhe)
Determinantes formais (F% e F+%)	F+% (baixo) - deficiência do investimento, delimitação precária eu/não-eu F+% (alto) - superinvestimento defensivo
Conteúdos	Contínuos, integrados e dentro de registros unitários: Limites psíquicos diferenciados e flexíveis Respostas corporais inacabadas, parciais: Dificuldade no limite eu/não-eu, instabilidade da representação de si Representações humanas ou animais imaginários: Afastamento apoiado no imaginário e na intelectualização Aumento de respostas “pele”: Fragilidade das barreiras interno/externo
Conteúdo Barreira-Penetração	4B>2P - norma adulto- na adolescência ambos estão aumentados B> P - imagem de si bem integrada, ego com limites estabelecidos, o sistema de paraexcitação é eficaz B<P - adolescentes mais frágeis em que o sistema de paraexcitação é ineficaz B / P (baixo) - a pontuação está diminuída em relação à norma e indica fragilidade dos limites com evocação das defesas, geralmente de inibição

Fonte: Emmanuelli e Azoulay (2008).

O narcisismo também se revela no investimento na representação de si, sendo este item evidenciado no Rorschach pela prancha V e pelos conteúdos humanos e animais de todas as pranchas do teste.

Devido a sua estrutura compacta e unitária, a prancha V solicita maciçamente o sentimento de integridade psíquica, somática e egoica (Rausch de Traubenberg, 1998). A presença da resposta banal indica a viabilidade do sujeito em investir nos limites do corpo e na representação de si mesmo. Independente das bases narcísicas dos adolescentes, geralmente, eles apresentam dificuldade em sustentar uma representação de si valorizada. Isso fica evidente nas respostas banais, sem qualificativos ou extremamente contrastantes (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

A prancha V será analisada por meio da qualidade da representação evocada e quando comparece o movimento, como é expresso. Segundo Chabert (1993), os testes de pessoas com patologias narcísicas apontam para representações extremamente qualificadas ou desqualificadas. “O sujeito narcísico e seus objetos existem apenas através do olhar – espelho que reflete suas características idealizadas ou excessivamente denegridas” (p. 136). Assim, deve-se observar como o sujeito investe na representação: de maneira valorizada, não qualificada ou desvalorizada.

A análise dos movimentos (K, kan, kob, kp) no Rorschach permite identificar as possibilidades de mentalização que o indivíduo possui. Porém, relacionadas à imagem do corpo e à representação de si, as respostas de conteúdo humano (K) e animal (kan) são especialmente relevantes. As respostas K trazem o humano em sua integridade e as kan podem expressar o conflito com mais facilidade uma vez que estão deslocadas em conteúdos animais (Chabert, 2004). A forma como o movimento é expresso na prancha V indica a proximidade do sujeito diante da representação. O movimento pode exprimir relação; contemplação narcísica; ataque; interação libidinal ou agressiva.

O segundo ponto de análise do investimento libidinal na representação de si corresponde ao modo como os conteúdos humanos e animais aparecem ao longo do teste. Nesse sentido, são apreciados os conteúdos H e A em relação ao determinante associado (F+ ou F-); a proporção de Hd e Ad em relação a H e A; as respostas de anatomia (anat.) e, como realizado na prancha V, a valorização, não qualificação ou desvalorização desses conteúdos. Analisar também o grau de realidade ou de vida dessas representações [H, (H) ou objeto], sendo essa vivacidade um indicativo de como o movimento pulsional comparece no psiquismo. No entanto, é preciso deixar claro que uma heterogeneidade de conteúdos sinaliza que o adolescente possui capacidade identificatória (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

Tabela 3 – Indicadores do narcisismo no Rorschach relacionados ao investimento na representação de si.

Investimento libidinal na representação de si	
Prancha V	<p>Qualidade da representação: valorizada, não qualificada ou desvalorizada</p> <p>Movimento: indica a proximidade do sujeito diante da representação e pode exprimir relação; contemplação narcísica; ataque ou interação libidinal ou agressiva</p>
Conteúdos H e A em todas as pranchas	<p>Determinante associado: (F+ ou F-)</p> <p>Proporção das respostas parciais : H: Hd e A:Ad</p> <p>Presença de respostas de anat.</p> <p>Qualidade da representação: valorizada, não qualificada ou desvalorizada</p> <p>Grau de realidade ou vida das representações [H, (H) ou Obj.]</p>
Diversidade de conteúdos: H, (H), A, (A), Objeto	Indica flexibilidade da capacidade de articulação identificatória
Investimento narcísico da representação sexuada	<p>Analisar respostas:</p> <p>Pranchas IV e VI - simbolismo masculino</p> <p>Pranchas VII e IX - simbolismo feminino</p>

Fonte: Emmanuelli e Azoulay (2008)

Diante do investimento nos limites e na representação de si, a pergunta que se coloca nesse momento é a seguinte: o narcisismo possibilitará efetivamente um investimento objetual? De acordo com Emmanuelli e Azoulay (2008), a análise eminentemente qualitativa das associações verificando a alternância entre resposta de centração narcísica e a retomada de resposta H ou A indica os efeitos do investimento narcísico sobre a relação de objeto. O vínculo objetual no Rorschach pode comparecer numa dinâmica libidinal, agressiva ou especular. Geralmente, os adolescentes conseguem realizar o processo de investimento objetual, e isso fica marcado no teste na alternância de representações narcísicas e de objeto que se estabelecem de maneira libidinal ou agressiva.

Como visto, o adolescente pode lidar com sua vulnerabilidade narcísica organizando defesas que, muitas vezes, são do registro da inibição. Um exemplo é a negação ou congelamento dos movimentos pulsionais que, segundo Chabert (1993), comparecem nas pranchas II e III, mobilizadoras de cinestésias libidinais e/ou agressivas. As cores vermelhas, que surgem pela primeira vez nesses engramas, frequentemente não são integradas e se utilizadas irrompem em forma de dúvida e com o intuito de somente localizar as respostas.

Além do congelamento dos movimentos pulsionais, existe a possibilidade de ocorrerem defesas como a idealização e o desdobramento. A partir de uma escala de idealização e de uma escala de desvalorização propostas por P. Lerner e H. Lerner, Chabert (1993) sugere algumas modificações para avaliar as representações humanas e animais. O índice de idealização positiva (I+) ou de idealização negativa (I-) seria atribuído quando um percepto fosse notado pelo sujeito como narcisicamente gratificante ou ofensivo. Os detalhes desta escala estão na Tabela 4.

Tabela 4 – Tipos de defesas narcísicas no Rorschach.

Tipos de defesas narcísicas	
Congelamento dos movimentos pulsionais	Nega a fonte interna da pulsão Ausência de cinestésias relacionais libidinais e/ou agressivas Ausência de integração da cor vermelha nas pranchas II e III
Desdobramento	Presença de K narcísicos (especularidade, congelamento da relação, respostas evocando a aparência, com insistência sobre o papel ou a função, sem deixar aparecer o si mesmo real) Representações especulares (gêmeos, espelho) Insistência sobre a simetria Reflexo
Recurso à idealização	Análise das representações humanas e animais 1º nível – figuras sem distanciamento no tempo e no espaço, descritas de modo positivo ou negativo, no entanto, são adaptadas; 2º nível – características semelhantes ao nível 1, no entanto, os engramas são projetados de forma excessivamente positiva ou negativa; 3º nível – há uma distorção da qualidade formal com ou sem distanciamento no espaço. 4º nível - características semelhantes ao nível 3, no entanto, os engramas são projetados de forma excessivamente positiva ou negativa; 5º nível – imagem para-humana ou irreal ou representada por uma função descrita em termos positivos, negativos ou neutros.

Fonte: Emmanuelli e Azoulay (2008) e Chabert (1993)

O recurso ao desdobramento aparece no Rorschach por meio de relações especulares de forma direta ou indireta. A primeira alude à dimensão idêntica das representações evocadas em espelho e que também podem comparecer como reflexo. As respostas a seguir servem como ilustração: na prancha III – *“Parecem duas mulheres negras que dançam, isto é, dança dos dois lados”* (relação em espelho) e na prancha VI – *“Árvores calcinadas que se refletem”* (reflexo). Já na forma indireta, a resposta H, com presença ou

ausência de K, não introduz verbos interativos nem conflito como mostra a resposta na prancha III – “*Dois boêmios*”.

As relações especulares têm o intuito de “reunir em um aquilo que poderia ser dois, isto é, separado. É exatamente esta a função do desdobramento que mantém a unidade ao afirmar a duplicidade” (Chabert, 1993, p. 140). Desse modo, o sujeito não se confronta com a diferença e com o conflito pulsional, que podem ser extremamente angustiantes.

Para compreender as implicações do uso das defesas narcísicas para o sujeito, é imperioso o estudo dinâmico do protocolo. A atenção deve estar direcionada ao modo como as defesas narcísicas ocorrem: a presença de K relacionais, dinâmicos, libidinais e/ou agressivos e a integração da cor (Emmanuelli & Azoulay, 2008). A Tabela 4 apresenta os tipos de defesas narcísicas abordados anteriormente.

Por fim, este estudo pretende, a partir de estudos de casos, discutir a organização psíquica dos adolescentes que cometeram o ato de abuso sexual. Pretende-se considerar as especificidades da sua psicodinâmica considerando de forma proeminente os eixos narcísico e identitário.

CAPÍTULO II

NATUREZA DO PROBLEMA E MÉTODO

Esta pesquisa, realizada com adolescentes, aborda o tema complexo do abuso sexual na perspectiva do adolescente que comete este ato. Trata-se de investigar as particularidades do funcionamento psíquico desses adolescentes, compreendendo que as dimensões narcísicas e identitárias são atualizadas nesse momento do desenvolvimento e seus remanejamentos podem estar em jogo nesse tipo de passagem ao ato.

Esta população é de difícil acesso e abordagem. Para compreender o fenômeno em questão, foi utilizado o método de pesquisa clínico-qualitativo com estudo de caso. Esse modelo é uma particularização e refinamento dos métodos qualitativos das ciências humanas e está alicerçado em três concepções: existencialista, clínica e psicanalítica. Nesse sentido, há uma valorização das angústias e ansiedades da existência do ser humano numa perspectiva clínica, em uma aproximação que propicia o acolhimento do sofrimento psíquico. Além disso, é essencial a compreensão de aspectos psicodinâmicos mobilizados na interação afetiva entrevistador-entrevistado, como os fenômenos transferenciais e o inconsciente (Turato, 2000, 2003). Portanto, o método clínico-qualitativo possibilita a busca de significados das experiências e vivências dos adolescentes que participaram da pesquisa.

O estudo de caso na perspectiva clínico-qualitativa possibilitará o aprofundamento das questões narcísicas e identitárias e a investigação dos aspectos particulares e complexos dos adolescentes que praticaram ato sexual violento. É o valor em si mesmo do fenômeno em questão e a possibilidade do singular que permitem o estudo de caso ser realizado (Ludke & André, 1986). Considerar o contexto em que esses adolescentes estão

inseridos, suas relações interpessoais, história de vida e funcionamentos psíquicos é primordial para uma compreensão mais representativa do caso.

Tomando esse delineamento metodológico em perspectiva, algumas perguntas tornam-se objeto da investigação: Como é o funcionamento psíquico dos adolescentes que praticaram ato sexual violento? Há uma especificidade nesse grupo de adolescentes? Qual é a função do agir nesses casos? De que forma os arranjos narcísicos e identitários desses sujeitos são evocados?

2.1 Instrumentos

A seleção dos instrumentos está relacionada com a perspectiva teórica psicanalítica que fundamenta o projeto e privilegia o modelo de compreensão dos fenômenos psicodinâmicos. Dessa forma, foram utilizadas entrevistas semidirigidas com os adolescentes e familiares e o método de Rorschach com os adolescentes.

Segundo Turato (2003), a entrevista semidirigida é um instrumento auxiliar na pesquisa clínico-qualitativa que favorece um encontro interpessoal ancorado numa postura clínica do pesquisador. O entrevistador proporciona continência às angústias do participante e favorece a associação livre, além disso, as questões elaboradas de modo flexível permitem um transcurso diferente das perguntas e a inclusão de novos tópicos. No entanto, mesmo com a construção de um enquadre que tenha a capacidade de suportar o vivido desses adolescentes, suas angústias e sofrimentos, a entrevista é insuficiente para abarcar a totalidade do fenômeno que é objeto de estudo dessa pesquisa. A percepção de que nenhum instrumento de pesquisa dará conta em sua totalidade de fenômenos extremamente complexos que envolvem o ser humano é fundamental para o entendimento de que a pesquisa é um recorte da realidade.

Os métodos projetivos contribuíram para a compreensão de aspectos do funcionamento psíquico mais regredidos ao colocar o sujeito em um lugar vazio em que são evocados recursos profundos de organização da personalidade (Anzieu, 1989). Dentre as técnicas projetivas, o Rorschach é conhecido pela sua capacidade de apreender a dinâmica da personalidade e já foi utilizado em pesquisa com adolescentes de forma geral (Chagnon, 2008; Brelet-Foulard & Chabert, 2008; Emmanuelli & Azoulay, 2008; Soldatelli, 2007), particularmente em adolescentes em conflito com a lei (Amparo & Pereira, 2010; Santos, 2011).

O método proposto por Rorschach (1921/1967) consiste na interpretação de formas fortuitas realizada por meio da percepção e das ideias. O processo perceptivo, baseado na sensação, evocação e associação, consiste em um trabalho de assimilação intrapsíquica. O teste é composto por 10 (dez) pranchas, sendo 5 (cinco) cromáticas e 5 (cinco) acromáticas. As respostas fornecidas pelo examinando possuem dois aspectos – um objetivo e outro subjetivo – que apontam para dois papéis básicos do teste: a projeção e a ambiguidade. A projeção é a maneira com que o sujeito responde ao estímulo, utilizando conteúdos objetivos e subjetivos de sua personalidade. As pranchas funcionam como um espelho, no qual o sujeito olha e ativa imagens cinestésicas que são projetadas sobre as manchas e percebidas pelo teste como reflexo do examinando. A ambiguidade é apresentada pela falta de definição e estruturação do estímulo que demandam do sujeito uma definição por processos subjetivos (Chabert, 1993, 1998/2003, 2004; Anzieu, 1989; Augras, 2004). O Rorschach “coloca à prova os limites dentro/fora, revelando os problemas identitários, solicitando fortemente o narcisismo” (Emmanuelli & Azoulay, 2008, p. 15).

2.2 Participantes

Participaram desta pesquisa quatro adolescentes com idades entre 15 e 18 anos. A Tabela 5 logo a seguir mostra algumas informações sobre o grupo de adolescentes que fizeram parte da pesquisa buscando caracterizar a organização familiar, o contexto de passagem ao ato e o da realização da avaliação.

Tabela 5 - Informações gerais sobre os adolescentes que participaram da pesquisa

Adolescente ⁴	Idade	Organização familiar	Contexto da passagem ao ato sexual violento	Medida socioeducativa	Contexto da avaliação
Cristiano	15	Pai: Comerciante Mãe: Contadora Reside com os pais e um irmão gêmeo.	Sozinho com uma criança de três anos de idade que morava em uma residência próxima, a situação de abuso envolveu a prática de sexo oral.	O abuso não foi denunciado à justiça.	O adolescente estava em atendimento psicoterápico em clínica escola havia 1 (um) ano.
Paulo	17	Mãe: Professora Reside com a mãe, o padrasto e uma irmã mais velha.	Sozinho com uma criança na casa de Paulo. A situação de abuso envolveu penetração.	Internação durante aproximadamente 30 dias. Após esse período a Liberdade Assistida encaminhou o adolescente para acompanhamento psicológico em uma clínica escola.	Encaminhado para clínica escola pela Liberdade Assistida.
Leonardo	18	Pai: Pedreiro Madrasta: Dona de casa Reside com os irmãos, o pai e a madrasta. Mãe faleceu quando o adolescente tinha 16 anos.	Com um grupo de amigos enquanto estava embriagado. A situação de abuso ocorreu na rua e envolveu conjunção carnal com uma mulher.	Medida privativa de liberdade	O adolescente estava na Unidade de Internação havia 1 (um) ano.
Roberto	16	Mãe: Padeira (atualmente não exerce a profissão devido a problemas com álcool) Padrasto: Padeiro Reside com a mãe e o padrasto. Tem uma irmã por parte de mãe e dez irmãos por parte de pai.	Com uma mulher na rua juntamente com um amigo.	Medida privativa de liberdade.	O adolescente estava na Unidade de Internação havia 2 (dois) anos.

A escolha dos sujeitos foi fundamentada na proposta de Husain (1991) de construção de um grupo único que prioriza a dinâmica do funcionamento psíquico. Essa

⁴ Os nomes utilizados são fictícios visando preservar a identidade dos adolescentes e os cuidados éticos na realização da pesquisa.

proposta busca as variações e uma unidade estrutural interna e dispensa o uso de um grupo de controle.

Husain (1991) introduz uma perspectiva de análise que prioriza a dinâmica da estrutura da personalidade e rediscute a questão da seleção da amostra no contexto da pesquisa projetiva, introduzindo o conceito de visibilidade de grupo. Ao apoiar-se em Rausch de Traubenberg, Husain ressalta que as técnicas projetivas têm muito a contribuir na compreensão do diagnóstico e também para realizar uma reflexão sobre as singularidades das diversas organizações de personalidade. Nessa perspectiva, essa dupla polaridade reabilita a prática das pesquisas que têm por base o grupo único.

Esse conceito de visibilidade do grupo é fundamental para compreender que a caracterização de um mesmo tipo de comportamento ou de um agrupamento de sintomas similares não significa o mesmo funcionamento subjacente. Valorizam-se, nessa perspectiva, dimensões da clínica e das especificidades das variações individuais. O grupo único propõe a busca do particular e do singular ao mesmo tempo em que busca uma unidade estrutural. A partir dos critérios das técnicas projetivas, o grupo único permite discutir a noção de contínuo psicopatológico, variações estruturais e diferentes modos de realização.

2.3 Procedimento para coleta dos dados

Esta pesquisa de mestrado faz parte de um estudo mais abrangente intitulado “Adolescência, Violência e Traumatismo: dimensões psíquicas e relacionais” aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. A aprovação do comitê está de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Os participantes foram encaminhados por psicólogos e/ou assistentes sociais que acompanhavam os adolescentes nas unidades de internação e na clínica-escola de uma universidade. Os jovens e seus responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), elaborado em duas vias, e logo em seguida foram realizadas as entrevistas e aplicados os métodos projetivos. O roteiro de avaliação dos adolescentes seguiu um procedimento específico realizado em quatro a cinco encontros (Anexo B). Nos primeiros atendimentos, foram realizadas as entrevistas com a família e com o adolescente (Anexos C e D) e, logo em seguida, a aplicação do método de Rorschach e o TAT. Todo material da pesquisa foi registrado em áudio e posteriormente transcrito, sendo assegurados os cuidados éticos e o sigilo quanto à identidade dos participantes.

2.4 Procedimento para análise dos dados

A introdução do Teste de Apercepção Temática ocorreu devido ao fato de este trabalho de mestrado estar vinculado à pesquisa “Adolescência, violência e traumatismo”, que tinha como um dos objetivos realizar avaliações psicológicas de adolescentes em conflito com a lei. Isto posto, não será apreciado neste estudo o TAT, sendo a técnica projetiva utilizada para análise da dinâmica psíquica do adolescente o método de Rorschach na perspectiva da Escola de Paris (Chabert, 1993, 1998/2003, 2004; Emmanuelli & Azoulay, 2008; Rausch de Traubenberg & Boizou, 1998; Pasian, 2010).

Os protocolos de Rorschach foram analisados por três codificadores independentes, as discordâncias na codificação foram discutidas até se chegar a um consenso final. A análise qualitativa dos fatores barreira e penetração seguiu a listagem apresentada por Gerencer (2012) que se encontra no Anexo F. A interpretação dos protocolos considerou a abordagem psicanalítica do método de Rorschach, fundamentalmente nos aspectos relativos ao eixo narcísico-identitário, no que concerne ao

investimento nos limites; investimento libidinal na representação de si; efeitos dos investimentos narcísicos sobre a relação de objeto; utilização de defesas narcísicas e seus efeitos (Chabert, 1993, 1998/2003, 2004; Emmanuelli & Azoulay, 2008; Rausch de Traubenberg, 1998).

As entrevistas, além de terem propiciado os contatos iniciais com os adolescentes e suas famílias, permitiram o estabelecimento de um laço transferencial nesse contexto clínico da avaliação e contribuíram na construção da história de vida dos adolescentes e no esclarecimento do contexto de realização da passagem ao ato.

CAPÍTULO III

RESULTADO E DISCUSSÃO: O RORSCHACH DE ADOLESCENTES QUE PRATICARAM VIOLÊNCIA SEXUAL

*O menino ambicioso
não de poder ou glória
mas de soltar a coisa
oculta no seu peito
escreve no caderno
e vagamente conta
à maneira de sonho
sem sentido nem forma
aquilo que não sabe.*

*Ficou na folha a mancha
do tinteiro entornado,
mas tão esmaecida
que nem mancha o papel.
Quem decifra por baixo
a letra do menino? [...]*

Carlos Drummond de Andrade (2001, p. 988)

Este capítulo discute os resultados da pesquisa primeiro analisando de forma conjunta os protocolos do grupo dos adolescentes que praticaram o ato sexual violento, e logo em seguida, dois casos são aprofundados considerando a história dos adolescentes e os dados quantitativos e qualitativos dos protocolos do método de Rorschach. Para o desenvolvimento dos estudos de caso, na segunda etapa, foram selecionados os adolescentes que apresentaram funcionamentos psíquicos distintos em relação ao grupo. Deste modo, foram destacados os dois casos que mais se diferenciavam, um em que a problemática marcante se refere ao próprio processo da adolescência, e outro no qual as fragilidades psíquicas apontaram para um registro mais comprometido.

O acesso aos adolescentes ocorreu por vias distintas, por intermédio dos psicólogos e estudantes de psicologia de uma clínica escola e por meio de técnicos das unidades de internação. A mediação desses profissionais e o vínculo estabelecido entre eles e os jovens foi essencial para o início da pesquisa.

No entanto, o começo do trabalho nas unidades de internação foi mais sinuoso devido às questões burocráticas exigidas por instâncias governamentais em que, além da aprovação do Comitê de Ética, foram solicitadas autorizações específicas de um juiz e de um secretário de governo. Esses aspectos, aqui entendidos como essenciais no cuidado ao adolescente, por outro lado, dificultaram o acesso a essa população. Além disso, muitas vezes, a estrutura física das unidades não permitiu uma intervenção em que o sigilo do jovem fosse plenamente assegurado. As salas localizadas em lugares de grande circulação de pessoas e com a presença de agentes na porta produziam a sensação de não ser possível estar “a sós”, em um ambiente suficientemente protegido, o que permitiria ao adolescente uma fala mais livre sobre si e sua história, de forma a externalizar seus medos e angústias sem o olhar de várias pessoas – o agente na porta, os outros adolescentes e profissionais – que porventura passassem por perto naquele momento e pudessem ouvir a fala do adolescente.

Outra questão importante assinalada, principalmente com os adolescentes que estavam em cumprimento de medida socioeducativa, foi a separação entre o papel dos técnicos judiciários e do pesquisador. Os técnicos, representantes da justiça que acompanhavam a medida socioeducativa e elaboravam relatórios ao juiz, e o pesquisador enquanto clínico que entrou na instituição em uma postura de escuta e suporte das angústias dos adolescentes. Assinalamos aqui os cuidados éticos que esta pesquisa teve com os adolescentes no sentido de oferecer, desde o início dos encontros, a possibilidade de acompanhamento psicoterápico. Como coloca Chabert, “o princípio essencial que deve ordenar qualquer aplicação projetiva é que ela se faça a serviço do sujeito” (2004, p. 50).

É importante observar, que os encontros com os adolescentes se deram em um contexto clínico, que favorecia o laço transferencial entre o pesquisador e o adolescente, mesmo no processo de avaliação. Na análise, a base do tratamento é a transferência,

movimento em que o paciente atualiza na figura do terapeuta processos inconscientes e protótipos infantis (Laplanche & Pontalis, 1982/2004). Ao seu modo, a situação projetiva também introduz a transferência que, nesse caso, ancorada no teste, permite um deslocamento dos conteúdos inconscientes e a reativação de modalidades relacionais. No contexto da avaliação, o uso deste fenômeno é distinto, tendo em vista que na situação projetiva, o clínico não se valerá da transferência para fins de interpretação como na análise. O que é importante e coerente, no uso dos projetivos em uma perspectiva psicanalítica, é o reconhecimento de que os movimentos transferenciais também estão presentes nessa situação (Chabert, 2004).

Nesse sentido, observaram-se modalidades singulares de relações estabelecidas entre os adolescentes e o clínico. As entrevistas com Paulo e Leonardo foram mais difíceis, na medida em que esses adolescentes respondiam diversas questões de forma pontual, através de expressões como “*Normal*”, “*Tranquilo*”, “*De boa*”. Muitas vezes, o pensamento não se desenvolvia, as falas ficavam restritas às expressões com significados diversos. Poderíamos pensar que a dificuldade em estabelecer um diálogo com esses adolescentes estaria relacionada à necessidade de um vínculo mais consistente com o pesquisador, ou ainda que isso pudesse indicar uma defesa diante de assuntos mais delicados para o adolescente abordar.

Por outro lado, as entrevistas com Roberto e Cristiano evidenciaram a construção da relação de forma distinta. Em Roberto, a relação com o clínico foi perpassada pela via da sedução, onde o adolescente fazia constantes movimentos no sentido de envolver o clínico. De outro modo, Cristiano estabeleceu uma relação com o clínico em que a todo o momento parecia querer se certificar de que estava sendo compreendido. Esses modos de vinculação que vão desde a inibição até uma sedução também foram apontados por Roman (2004) em suas pesquisas com adolescentes que praticaram ato sexual violento.

Um ponto em comum nos quatro protocolos de Rorschach foi a presença de respostas em forma de perguntas, denotando incerteza quanto aos engramas vistos e a necessidade de confirmação do outro. O registro da dúvida parece indicar a busca por apoio, por um olhar que possibilite um suporte narcísico, como se somente o outro pudesse sustentar a existência da percepção e por extensão a sua própria existência. No protocolo de Leonardo isso fica evidente nas respostas interrogativas que são acompanhadas pelo ato de mostrar à aplicadora a prancha enquanto fala. Alguns exemplos comparecem na prancha I “*Uma borboleta, não é não?*” e na prancha II “*Tipo uma flor isso daqui, não é não?*”.

De forma geral, era muito difícil para o adolescente falar sobre o motivo do cumprimento da medida e o que o tinha levado a estar na instituição. O processo de avaliação, no entanto, permitiu a realização desse encontro e a fala desses adolescentes pôde emergir “por outras vias”.

Nesse sentido, podemos dizer que a psicologia clínica é, antes de tudo, uma história de pessoas e de reencontros caso a caso. Uma verdadeira aventura psíquica que não concerne unicamente a um encontro com as patologias, mas também ao efeito das peculiaridades do funcionamento psíquico de cada um dos adolescentes sobre nós, clínicos pesquisadores.

A aplicação do método de Rorschach, nessa pesquisa, inseriu-se nessa dinâmica de encontro, um espaço “entre dois” a ser preenchido com a fala e a interlocução. Nesse momento, sublinha-se as noções de transferência, reencontro, afrontamento de melodias humanas e situação transicional no contexto do uso dos projetivos (Winnicott, 1975).

3.1. Análise geral dos protocolos de Rorschach do grupo de adolescentes

Em relação ao conjunto dos protocolos dos adolescentes, a Tabela 6 apresenta os principais indicadores encontrados no Rorschach dos adolescentes, segundo a Escola de Paris, que auxiliarão nas análises do funcionamento psíquico, em particular, dos aspectos relativos ao investimento dos limites; investimento libidinal na representação de si; efeitos dos investimentos narcísicos sobre a relação de objeto e as defesas narcísicas:

Tabela 6 - Principais indicadores do Rorschach encontrados nos protocolos dos adolescentes na perspectiva da Escola de Paris*.

Indicadores	Cristiano	Paulo	Leonardo	Roberto	Norma*
R	32	15	12	28	17,6
G%	31,25%	53,33%	58,33%	7,14%	35%
D%	31,25%	33,33%	25%	39,28%	33,4%
Dd%	31,25%	13,33%	16,66%	46,42%	30,3%
DbI%	6,25%	0	0	7,14%	1,1%
F%	56,25%	53,33%	41,66%	42,85 %	54,5%
F+%	66,66%	37,5%	100%	50%	55,6
F+ ext%	75%	66,66%	83,33%	46,42 %	57,3
H%	18,75%	40%	8,33%	21,42 %	20,9
A%	46,87%	46,66%	58,33%	42,85 %	51,0
Ban%	9,37%	20%	16,66%	10,71%	17,0
K:Σk	1:7	2:3	1:2	0:1	0,8:1,7
FC: CF+C	1:0	1:0	1:1	6:3	2,1:2
FC': C'F+C	2:0	2:3	1:0	2:0	
FE: EF+E	3:0	0:0	1:0	4:0	0,7:0,4
Controle dos Impulsos (ΣC:ΣE)	0,5:1,5	0,5:0	2:0,5	7:2	
Tipo de Ressonância Íntima (K:ΣC)	Coartativo	Introversivo Dilatado	Extratensivo Dilatado	Extratensivo Puro	
Tendências Latentes (kan+kob+kp:ΣE)	7:1,5	3:0	2:0,5	1:2	
H+A:Hd+Ad	12:7	9:2	8:0	7:10	
H:Hd	1:5	3:1	1:0	0:6	
Barreira/Penetração	2:3	2:2	2:2	5:3	
Fórmula da Angústia Hd+(Hd)+Anat+ Sg+Fg+ Sex x 100/R	18,75%	26,66%	0%	42,85%	
Índice de Reatividade Afetiva 100x Número de respostas VIII+IX+X/R	31,25%	40%	25%	32,14%	

* as normas consideradas para análise dos protocolos dos adolescentes foram retiradas de Jardim-Maran (2011) e estão disponíveis no Anexo E.

O investimento dos limites foi analisado inicialmente pelas respostas globais que indicam, segundo Emmanuelli e Azoulay (2008), a capacidade de estabelecimento mínimo da identidade pela apreensão do objeto enquanto inteiro. Paulo e Leonardo apresentaram índices de globalizações acima da norma, respectivamente $G\%=53,33\%$ e $G\%=58,33\%$; em Cristiano e em Roberto as G ficaram um pouco rebaixadas respectivamente ($G\%=31,25\%$) e ($G\%=7,14\%$). De toda forma, a porcentagem de respostas globais foi extremamente contrastante em relação ao que é esperado na adolescência. No que concerne à qualidade, observou-se a presença de respostas G simples em todos os protocolos e G organizadas nos testes de Cristiano e Paulo. Especificamente, as respostas G simples aparecem associadas a conteúdos híbridos (Cristiano, Roberto); percepções disfóricas (Cristiano); ao Dbl (Leonardo) ou relacionadas ao fenômeno especial de envolvimento (Roberto, Paulo). Apesar disso, algumas G simples comparecem associadas a determinantes de boa forma evidenciando seu caráter adaptativo e de limites investidos, como é o caso de Paulo na prancha V “*Um morcego*” (G F+ A) e de Cristiano na prancha VI “*Uma nave*” (G F+ Obj.).

Assim como na análise das respostas globais, a apreciação dos determinantes formais (Emmanuelli e Azoulay, 2008) evidenciou em Cristiano e Paulo uma potencialidade no investimento dos limites. No entanto, essa tentativa de delimitação entre interno e externo, algumas vezes não foi eficaz (Cristiano: $F\%=56,25\%$; $F+\%=66,66\%$ e Paulo: $F\%=53,33\%$; $F+\%=37,5\%$).

Por outro lado, as respostas de forma de Roberto ($F\%=42,85\%$; $F+\%=50\%$) e Leonardo ($F\%=41,66\%$; $F+\%=100\%$) indicaram um escasso estabelecimento de fronteiras. Especialmente em Leonardo, todas as respostas de forma estavam vinculadas à F+, o que, segundo Chabert (1998/2003), denota rigidez pois a presença de F- é um indicador de permeabilidade do psiquismo diante de questões que emergem do inconsciente.

Na adolescência, é esperado um maior número de respostas H e A em relação às parcializações Hd e Ad (Jardim-Maran, 2011), e isso foi percebido nos protocolos de Cristiano (H+A:Hd+Ad = 12:7), Paulo (H+A:Hd+Ad = 9:2) e Leonardo (H+A:Hd+Ad = 8:0). Porém, a presença de respostas híbridas nos quatro testes analisados e o maior número de respostas Hd em relação a H no caso de Cristiano (H:Hd=1:5) pode indicar a presença de uma fragilidade identitária nesses adolescentes (Chabert, 1998/2003). Em Roberto (H+A:Hd+Ad = 7:10) a problemática identitária é mais grave devido ao número excessivo de conteúdos parciais e a ausência de H (H:Hd = 0:6). Ao se relacionar a dimensão identitária à identificação, uma análise mais detalhada das percepções humanas nas pranchas do Rorschach indicam que também em relação a esse aspecto há variações no grupo, excetuando Paulo que apresenta uma proporção de H:Hd = 3:1, os demais adolescentes do grupo apresentam restrição na capacidade de identificação e empatia com o humano. Isso se agrava particularmente nos protocolos de Leonardo e Roberto que apresentam, respectivamente, proporção de H:Hd = 1:0 e 0:6.

A análise da prancha V também é relevante na compreensão das questões identitárias (Rausch de Traubenberg, 1998). Os protocolos do grupo dos jovens que participaram da pesquisa trouxeram respostas banais, que oscilavam entre banalizações sem qualificativos e respostas com a presença de percepção de estranheza, respostas híbridas e de reflexo. Como apontam Passalacqua e Gravenhorst (2005) as respostas de reflexo indicam uma problemática narcísica, em que o sujeito se relaciona com um outro que é o prolongamento de si mesmo, ou seja, um espelho. Nesse sentido, fica evidente a problemática identitária e o modelo da relação objetal marcadamente estabelecido de forma especular.

As respostas Barreira-Penetração de Cristiano (2:3), Paulo (2:2), Leonardo (5:3) e Roberto (5:3) encontram-se rebaixadas, indicando, portanto, a fragilidade das bases

narcísicas, comum na adolescência (Jeammet, 2006) ou quando acompanhadas de outros indicadores, a ser analisado caso a caso, podem indicar um comprometimento mais patológico do funcionamento psíquico. Esses aspectos, no entanto, podem propiciar que os jovens desse grupo utilizem defesas que dificultarão a emergência dos processos criativos em direção à elaboração dos conflitos psíquicos (Emmanuelli & Azoulay, 2008). Assim, é possível observar um movimento mais inibitório, principalmente com defesas relacionadas ao congelamento (negação da fonte interna da pulsão, ausência de cinestésias libidinais ou agressivas, ausência de cor) dos movimentos pulsionais em Roberto, Leonardo e Paulo, e, por outro lado o desdobramento (presença de representações de movimento especulares, resposta reflexo) em Cristiano (Emmanuelli & Azoulay, 2008; Chabert, 1993).

Os dados do Rorschach de Paulo ($F\%=53,33\%$; $F+\%= 37,5\%$; $\Sigma C=0,5$; $K=2$; $R=15$) e Leonardo ($F\%=41,66\%$, $F+\%= 100\%$, $\Sigma C= 2$, $C=0$, $K=1$, $R=12$) remontam para uma questão intrapsíquica relevante: a inibição e o pouco comércio pulsional. O reduzido número de respostas dadas ao longo da associação no Rorschach, o escasso número de respostas cor e a incidência de pouco movimento humano, aspectos mais evidenciados em Leonardo, denotam a inibição e podem indicar um vazio de mentalização no qual a passagem ao ato substituiria o trabalho psíquico, hipótese levantada por Marty (2000, 2010, 2012). Essa hipótese também foi abordada por Amparo e Santos (2010) na análise do protocolo de Rorschach de um adolescente que praticou ato sexual violento, indicando como o ato pode substituir a capacidade de pensar e lidar psiquicamente com as emoções e afetos.

Já o protocolo de Roberto apresenta uma configuração diferenciada, denotando à reatividade afetiva e a sua ligação com o ambiente ($VIII+IX+X/R = 32,14\%$), bem como, a possibilidade de passagem ao ato, por um descontrole maior dos impulsos ($\Sigma C:\Sigma E = 7:2$; $K:\Sigma k 0:1$) Diferentemente dos outros casos, Roberto configura um outro modo de

funcionamento psíquico, no qual a passagem ao ato pode ter uma função de defesa contra angústias muito cruas e primitivas e contra uma certa depressividade ansiosa subjacente ($Hd+(Hd)+Anat+ Sg+Fg+ Sex \times 100/R = 42,85\%$; $FC': C'F+C = 2:0$; $FE: EF+E= 4:0$).

De modo geral, um aspecto importante a ser observado nos protocolos e que demanda uma investigação posterior mais aprofundada, é a presença de indicadores de sensibilidade depressiva. O que pode permitir discutir a hipótese levantada por Chagnon (2008, 2009) e Marty (2000, 2010, 2012) de que a passagem ao ato violenta pode ser uma defesa contra a depressão. Nos protocolos dos adolescentes essa sensibilidade depressiva e sinais de ansiedade controlados pelo aspecto intelectual compõem nos indicadores ($FC': C'F + C'$; $FE: EF+E$) e pode ser caracterizado no comportamento pelos sinais de tédio. Emmanuelli e Azoulay (2008) relacionam essa questão da evocação da depressividade nos projetivos com a sensibilidade à perda objetal e/ ou narcísica na adolescência.

Assim como no caso do grupo analisado, outros estudos com adolescentes que passaram ao ato sexual violento apresentaram uma diversidade de funcionamentos psíquicos, sem a constituição de um perfil único (Chagnon, 2008, 2009, 2012; Roman, 2004, 2012). Nesse sentido, reafirma-se o que coloca Jeammet (2005, 2006) acerca da importância de estudos que levem em conta aspectos econômicos e dinâmicos do funcionamento psíquico.

Dentre os pontos apontados, podemos destacar que a fragilidade das bases narcísicas (Jeammet, 2001/2005, 2006), nesse grupo de adolescentes, são acentuadas e remetem aos primórdios da constituição psíquica. A dificuldade da delimitação dos limites, a problemática identificatória, o estabelecimento de relações especulares e o uso de defesas narcísicas indicam falhas no processo de subjetivação.

Dessa forma, podemos levantar a hipótese, como outros autores já o fizeram, de uma falha no ambiente do lactente do cuidado de uma “mãe suficientemente boa”, capaz

de propiciar o *holding*, que permitisse continência e o sentimento de confiança (Winnicott, 1975, 1983), e possibilitasse a constituição de um narcisismo assegurador. Além do cuidado materno, os processos de investimento do bebê em seu corpo (autoerotismo) também fazem parte dessa constituição psíquica e podem estar em relação direta com os aspectos sensoriais e motores reativados na passagem ao ato.

A relação entre autoerotismo, narcisismo e passagem ao ato pode ser explorada posteriormente vinculando ao conceito de Anzieu (1985) de *Eu-pele* no qual ele qualifica a ideia de um pré-Eu corporal, uma configuração simbólica, o *Eu-pele*⁵. Haveria uma correspondência entre o invólucro corporal e o psíquico, o *Eu-pele* teria uma função mediadora entre a mãe e o bebê, evitando a inclusão mútua dos psiquismos na organização primária. Nesse sentido a pele teria uma função de limite e pára-excitação como uma estrutura intermediária do aparelho psíquico, assumindo a função de ser mediadora entre a mãe e o bebê, no sentido de evitar a inclusão mútua dos psiquismos na organização fusional primária (Amparo, 1996). Nesse sentido, a pele teria uma *função estrutural de limite*, um envelope que oferece continente para as impulsões do interior e do exterior.

Ao longo do desenvolvimento da criança, a mãe que, anteriormente, atendia de maneira quase completa a todas as necessidades do bebê agora irá ajudá-lo na tarefa de lidar com a frustração e o sentimento de impotência. Essa experiência irá suscitar na criança a percepção de que há um limite temporal para a frustração e alternativas podem ser construídas para lidar com a falta como, por exemplo, a satisfação autoerótica, o recordar, o reviver, o fantasiar e o sonhar (Winnicott, 1975). As bases narcísicas suficientemente estabelecidas possibilitariam o suporte para o sentimento de continuidade e segurança nas relações objetais (Jeammet & Corcos, 2001/2005; Emmanuelli & Azoulay, 2008).

⁵ No livro *Les Méthodes Projectives* (Anzieu e Chabert, 1961) propõem linhas de pesquisa que podem ser desenvolvidas no exame de Rorschach a partir desse conceito.

Quando essas bases falham, uma possibilidade de saída é o agir. A integração dos movimentos violentos fundamentais requer os fundamentos narcísicos do sujeito e quando estes estão fragilizados, esse percurso apresenta falhas. As patologias do agir se configuram de forma independente do diagnóstico e de uma estrutura da personalidade, nesse sentido, é necessário pensar em fatores econômicos que abrangem essa problemática. A passagem ao ato na adolescência remete ao registro da violência fundamental e para Jeammet (2006) a patologia do agir está relacionada à dificuldade do aparelho psíquico em exercer a função de pára-excitação. Em seu estudo, Balier (1996/2008) indica que o comportamento sexual violento está desvinculado do desejo sexual genital, porém relacionado a uma problemática essencialmente primitiva, referente à constituição psíquica, ao processo de subjetivação.

Visando aprofundar alguns dos aspectos apontados nessa discussão geral, apresenta-se, a seguir, dois casos clínicos.

3.2. Estudos de Casos Clínicos

3.2.1. O Caso Cristiano

a) O percurso de Cristiano⁶

Cristiano é um adolescente de quinze anos que veio de uma família de classe média, na qual o progenitor é comerciante, possui estabelecimento próprio, e a mãe é contadora. O casal teve três filhos, um menino que faleceu aos treze anos de idade por encefalite, Cristiano e seu irmão gêmeo. A morte do irmão marcou intensamente a família

⁶ A história de Cristiano foi construída a partir das entrevistas com o adolescente, sua mãe e pelas informações fornecidas pelas terapeutas que acompanharam o caso.

e principalmente Cristiano, que na época tinha 10 anos de idade. Nessa época ele ficou muito triste, dizia constantemente na escola que sentia a falta do irmão. A coordenação do colégio, preocupada com a criança, a encaminha para atendimento psicoterápico, que foi realizado em uma clínica escola durante seis meses.

Aproximadamente no mesmo período, alguns meses antes da morte do irmão, a mãe (Sofia) relata ter presenciado uma cena de jogo sexual entre Cristiano e um primo três anos mais velho. Ao avistarem Sofia, Cristiano e o primo, que estava nu, se afastaram. Sofia tentou conversar com o filho e o sobrinho, mas eles afirmaram que não havia acontecido nada. No entanto, na escola, Cristiano escreveu em um bilhete que teria “*transado*” com o primo e que “*tinha gostado*”. A mãe relata: “*Eu não sei, eu acho que isso mexeu com a cabeça do Cristiano, aí depois os meninos ficaram chamando ele de gay [...] os próprios vizinhos que também ficaram sabendo. Aí eu sei que depois, isso aí foi passando, e ele foi esquecendo, foi passando, foi esquecendo... Agora ele é agitado...*”.

A mãe relatou que Cristiano, aos quatorze anos de idade, solicitou que um menino de três anos que morava próximo a residência deles, praticasse sexo oral. Sofia tentou conversar com o filho sobre o assunto, no entanto, Cristiano não deu muitos detalhes da situação e afirmou que não aconteceria novamente. Por recomendação da mãe, Cristiano pediu desculpas à família que optou por não formalizar uma denúncia. A mãe do adolescente acha que esse comportamento do filho pode estar relacionado a algum “*trauma do passado*” e tem receio de que ele possa fazer algo semelhante com outra criança. Além disso, o adolescente procura na internet, com frequência, sites com conteúdo sexual que envolva crianças.

Atualmente, o adolescente cursa a sexta série do ensino fundamental, tendo sua vida escolar marcada por constantes mudanças e reprovações. A princípio, os irmãos gêmeos estudavam na mesma sala de aula, no entanto, devido às brigas recorrentes dos

dois, eles foram separados. Cristiano passou por sete instituições escolares e em uma delas foi expulso devido a comportamentos violentos.

O adolescente associa algumas das situações em que age de forma violenta na escola, à hostilidade dos colegas, quando falam de seu peso e/ou o insultam. Ele diz: *“Eu tenho um lado sensível, se acontece alguma coisa eu começo a chorar, fico triste. Quando alguém fala que eu sou idiota, eu fico me rebaixando, eu fico triste”*. Esse sofrimento relatado por Cristiano é alternado com momentos de violência: *“Se eu tô chorando, com raiva de alguma coisa é perigoso eu até machucar uma pessoa pra deixar inconsciente. [...] Você vê a minha força, eu sou grande e gordo. Se eu pegar alguém pode machucar de verdade. [...] Uma raiva que vem dentro de mim que eu não consigo controlar e vou pra cima. Só alguém me segurando pra eu voltar ao normal. É como se alguma coisa me possuísse”*.

Ao mesmo tempo em que Cristiano parece ser invadido pela raiva e pela sensação de descontrole, há um movimento corporal que o impede de agir em certas ocasiões: *“Às vezes quando eu vou atacar, quando eu vou dar um murro vem uma fraqueza e eu paro. Não sei o que tá havendo comigo, às vezes eu consigo atacar, às vezes não. Parece até que eu tenho tipo dupla personalidade”*.

O convívio com o pai é raro, algo que é atribuído pelo adolescente às demandas do trabalho. O jovem diz que o seu comportamento, algumas vezes violento, foi “aprendido” com seu pai. Ao referir-se à figura paterna, Cristiano relata que seu pai pode bater em sua mãe e que já deu uma surra no filho mais velho com um cabo de faca que chegou a provocar sangramento. Embora considere o pai como uma figura que trouxe uma “herança” de violência e deve ser temida, o adolescente empreende uma busca identificatória ao expressar o desejo de que o genitor o ensine a dirigir.

A relação com a mãe parece ser mais próxima, no entanto, algumas vezes Sofia minimiza as passagens ao ato do filho. Quando Cristiano brigou com um colega de sala de aula com uma tesoura ela relatou: “*A tesourinha cega, né? Não era daquelas amoladas*”.

Quanto aos planos para o futuro, Cristiano pretende fazer supletivo e almeja ser médico, psicólogo ou professor de artes para crianças e adolescentes. Segundo ele, o interesse pela medicina se deve ao fato desse profissional “*Saber consultar os outros, saber sobre os corpos, fazer cirurgias, exames*”. Apesar das intenções, o adolescente disse não gostar da escola por achá-la “entediante” e parece ter dificuldades em engajar-se em outras atividades. Cristiano já iniciou a prática de esportes como natação, judô e curso de informática e atribui à “*falta de ânimo, preguiça*” o abandono dessas atividades. Por outro lado, a comunidade religiosa que frequenta parece ter um papel importante para o jovem que participa de encontros com adolescentes e tem alguns amigos. Segundo Cristiano, se ele não frequentasse a igreja ele “*estaria no mundo do crime*”.

O adolescente está em processo psicoterápico há aproximadamente um ano e na época em que participou da pesquisa fazia uso de antidepressivo e ansiolítico.

b) Sistematização do psicograma do Método de Rorschach e dos dados qualitativos

Tabela 7 – Psicograma e dados qualitativos do Rorschach de Cristiano

Localização		Determinante		Conteúdo	
{ G= 6 G/= 4 D= 10 Dd= 10 { Dbl=1 DblD=1	G%= 31,25% D%= 31,25% Dd%= 31,25% Dbl%=6,25%	F+= 10 F-= 8 K=1 kan=4 kp=3 FC=1 FC'=2 FE=3	F%= 56,25% F+%= 66,66% F+ext%= 75% Σk=7 ΣC= 0,5 ΣE= 1,5	H=1 Hd=5 { A= 10 A-Hd=1 (A)= 2 Ad= 2 Simb= 2 Obj=5 Pl=2 Vest=1 Anat=1 Ban= 3	H%= 18,75% A%= 46,87% Ban%= 9,37%
		Secundário		Secundário	
		kob= (1) FE= (1)		Hd= (1) Obj= (1) Pl= (1) Elem= (1)	
R= 32 T.T= 774/60=12' 9" T.R.m= 774/32=24" T.L.m= 139/10= 13"		FC:CF+C=1:0 FC': C'F+ C'= 2:0 K:kan+kob+kp=1:7 Impulsos= ΣC:ΣE= 0,5:1,5 T.R.I= K:ΣC= 1:1,5 (Coartativo) T.L= kan+kob+kp:ΣE= 7:1,5		H+A:Hd+Ad= 12:7 H:Hd= 1:5 I.R.A.= 100x Número de respostas VIII+IX+X/R= 31,25% F.A.= Hd+(Hd)+Anat+ Sg+Fg+ Sex x 100/R= 18,75%	
Fenômenos Especiais					
Resposta de par = 13 Envolvimento = 10 Diminutivo = 4 Mor = 2 Ref. a simetria = 2 Aumentativo = 2 Ref ao eixo = 2 Fusão figura fundo = 1 Resposta ou = 1 Gesticulação = 1 Angústia de fragmentação Spaltung = 1 Aumento da consciência de interpretação = 1					

c) Aspectos gerais do protocolo de Rorschach

Cristiano apresenta capacidade produtiva acima da média, o que pode indicar seu potencial de elaboração simbólica ou tendência a reagir de forma a exacerbar a produção e a atividade. Os recursos intelectuais e os processos de pensamento estão preservados com investimento na racionalização ($R=32$; $F\%=56,2\%$; $F+\%=66,6\%$). Apresenta, no entanto, rebaixamento do pensamento teórico-prático em função do investimento nos detalhes ($G\%=31,2\%$; $D\%=31,2\%$; $Dd\%=31,2\%$) e das demandas pulsionais ($K: kan+kob+kp=1:7$). Diante da demanda pulsional e afetiva os recursos defensivos de controle são mobilizados de forma massiva e, na maioria das vezes, são efetivos ($F+\%=66,6\%$; $FC: CF+C=1:0$). Há um investimento nos processos lógicos, na racionalidade e no pensamento, mas também comparece a angústia interferindo na sua capacidade produtiva e intelectual ($FA=18,7\%$).

Muito embora a relação com a realidade esteja preservada ($F\%=56,2\%$; kan na Pr. VIII), Cristiano apresenta certa restrição da capacidade de adaptação e de partilhamento do pensamento comum ($Ban=9,3\%$), com dificuldades nos processo de identificação ($K=1: H\%=18,7\%$) e na manutenção da estereotipia no seu aspecto social ($A\%=46,8\%$).

Do ponto de vista emocional sobressai o aspecto restritivo dessa dimensão, o seu tipo de vivência é coartativo ($TV: \sum K: \sum C=1:1,5$) com tendência introversiva (Segunda fórmula $-IRA=100 \times VIII+IX+X/R=31,2\%$). A capacidade de manejo do afeto é restrita ($FC=1$). O adolescente apresenta sinais de defesas rígidas e com a presença de afeto ansioso depressivo ($F+\%=66,6\%$; $FC'=2$ e $FE=3$). O movimento pulsional primitivo, no entanto, está aumentado com rebaixamento do controle interno ($K:kan+kob+kp=1:7$) e dos recursos narcísicos ($\sum k: \sum E=7:1,5$). A rigidez das defesas e o controle dos impulsos reduz as possibilidades de passagem ao ato ($\sum C: \sum E=0,5:1,5$). Por outro lado, a dificuldade de

lidar com o afeto, e os bloqueios, torna o adolescente vulnerável e reduz a mobilidade, a capacidade de adaptação às situações de grande demanda psíquica, exacerbando a passividade. É importante no trabalho psicoterapêutico com o adolescente flexibilizar as defesas de controle, e a integração entre pulsão e afeto.

d) Aspectos referentes às dimensões narcísicas e identitárias

Como visto na Tabela 8 a seguir, a incidência das respostas barreira e penetração com barreira diminuída e penetração aumentada (2B< 3P) indicam fragilidade dos limites, com evocação das defesas.

Tabela 8 – Respostas classificadas como Barreira (B) e/ou Penetração (P) no Rorschach de Cristiano

Pr.	Resposta	B-P	Critério ⁷
II	Um avião. (Inquérito) Uma nave, tipo um avião de caça, a asa e o bico do avião.	B	6
III	Dois pés segurando um negócio (Inquérito) Dá para ver a perna e aqui é como se fosse um joelho retorcido, é como se eles estivessem com um cortador de grama alguma coisa que puxa para dentro, tipo um aspirador [...] um botão que aí sugava o negócio	P	3/2
IV	Casca seca (Inquérito) [...] esses aqui retorcidos	P	3b
IX	Recipiente (Inquérito) Tá vendo essa abertura aqui? [...]	P	5
IX	Vaso condutor de seiva. (O negócio da planta e aqui é onde conduz a seiva, o pólen para a abelha)	B	3
		2B<3P	

O narcisismo em Cristiano comparece pelo superinvestimento defensivo no limite dentro/fora (F+% = 66,6). Ele investe nas bordas, como uma tentativa de assegurar a consistência da imagem de si, mas esse superinvestimento, por vezes, é ineficaz (P=3). Outras defesas narcísicas presentes, são o desdobramento e a idealização (Emmanuelli & Azoulay, 2008). A única resposta de movimento humano no protocolo é especular e sem movimento dinâmico (prancha VII “*Duas pessoas com a cabeça encostando*”) e com a presença de respostas animais idealizados e fantásticos (prancha X “*Cavalo Pégasos*”). Essas defesas podem fazer parte do processo da adolescência e se constituem em um

⁷ O critério de classificação foi baseado no trabalho realizado por Gerencer (2012) disponível no Anexo F.

mecanismo para lidar com a libido, particularmente nas suas incidências eróticas e agressivas, desde que a imagem de si apresente certa integração.

Em Cristiano, a imagem de si apresenta certa estabilidade, indicando uma relativa interiorização que pode servir de continente para projeção da imagem corporal e para o reconhecimento dos objetos como inteiro e integrado. Isso pode ser visto na incidência das repostas globais (G= 31,25%), que comparecem nas pranchas I, IV e V. A resposta banal na prancha V “*um morcego*”, indica uma capacidade de unificação e de estabilidade da identidade.

No entanto, é importante ressaltar, que os sentimentos de estranheza estão presentes logo depois, quando no inquérito diz em relação à prancha V (refere-se à integração de si): “*Fica meio estranho... dá impressão que é um morcego meio modificado, com as presas para agarrar*”. Poderíamos dizer que essa estranheza se refere a algo dessa agressividade que não encontra-se integrada ao Eu e pode ir na direção do objeto “*presas para agarrar*”, ao mesmo tempo também essa sensação de estranhamento pode fazer parte da própria adolescência e do manejo da agressividade e da eroticidade do corpo, produzido pela genitalização. A interrogação que se produz poderia ser traduzida assim: as pulsões eróticas e agressivas estão presentes, e o que ele faz com isso?

Em Cristiano, a interação com o objeto é libidinal e agressiva e isso comparece no protocolo. As cinestésias humanas e animais que estão presentes traduzem a presença dinâmica da pulsão, o que permite, a existência do conflito e abre a possibilidade de reparação (Chabert, 1993). Por exemplo, nas pranchas: II “*dois animais pequenos se beijando*” (D kan A); VII “*duas pessoas com a cabeça encostando*” (G K H); VIII “*dois animais andando aqui*” (D kan A); X “*dois bichos segurando um tronco*” (D kan/ FE A/Pl); “*um besouro ...as patas e aqui como se fosse uma aranha e tivesse andando*” (Dd kan A).

Se por um lado, a libido comparece na vida psíquica, o que dá certo dinamismo ao protocolo, permitindo as interações objetais, por outro lado há uma tendência à parcialização e à especularização. Nas pranchas I “*Dois bicos*”; “*Duas mãos*”; III “*Dois pés segurando um negócio aqui* (Inquérito) [...] *cortador* [...] *quanto mais eles apertam vai cortando assim e prendendo e cortando*”; IV “*dois sapatos*”; “*dois pés grandes*”; VII “*Duas pessoas com a cabeça se encostando*”; “*Dois polegares*”; “*duas cabeças*”; VIII “*dois animais andando*” e X “*dois bichos segurando um tronco*”; “*Dois, como é que eu posso falar? Monstros? Monstros juntos modificados*”. Essa tendência a parcializar reflete na integração da imagem humana e a incidência das “respostas pares” em várias pranchas, indica a tendência a relações em espelho. Chabert (1993) indica a relação das respostas pares com o narcisismo.

Cristiano apesar de apresentar capacidade de identificação ($H\%= 18,75\%$), a imagem humana é pouco consistente ($H=1$; $K=1$). Ele tende a parcializar o humano, investindo em partes do corpo ($Hd=5$). A única resposta humana integrada comparece na prancha VII, como representação assexuada “*duas pessoas com a cabeça encostando*”, de certa forma é como se nem o feminino nem o masculino pudessem se introduzir de forma estável. O movimento é narcísico e em espelho. Nessa mesma prancha, diz “*duas cabeças assim se olhando*” e fica evidente um congelamento pelo movimento de olhar, a interação não é dinâmica. Há uma tendência ao investimento na pulsão escopofílica observada na forma que investiga as pranchas em posições inusitadas – coloca de forma transversal e aproxima do olho fugindo das formas de abordagem convencional (Pr. II; III; IV; V; VI; VIII e IX).

O protocolo do Rorschach de Cristiano denota uma restrição da identificação ($K=1$) com a tendência à parcialização das relações objetais, particularmente, no que se refere às identificações humanas ($H:Hd=1:5$), com angústia em relação ao corpo e ansiedade

presentes (Dbl%=6,2% e FA= 18,7%). Cristiano apresenta uma identidade primária constituída de modo frágil que se desorganiza na relação com o outro. Na prancha III, que é a prancha da identificação com o casal parental, não comparece a figura humana com cinestesia esperada. O conteúdo humano é parcializado e denota a angústia de castração pela incidência de expressões de corte no discurso e pelas representações parciais do corpo (joelho, os dentes que agarram). Nesta prancha diz: *“Dois pés segurando um negócio aqui...”* *“As pontas dos pés, como se fosse um salto se apoiando e segurando aqui ôh. Como se tivesse segurando esse negócio aqui. (...) Assim, esse aqui é os pés e esse aqui é o ombro que tá segurando, entendeu? E aqui é como se fosse a cabeça e o corpo segurando. Então vai ser assim? É como se fosse um corpo, duas cabeças, os braços e as pernas. (...) Sei lá, um cortador, quanto mais eles apertam vai cortando assim, vai agarrando e prendendo e cortando”* (G/ kp/kob Hd/Obj). As representações agressivas não são integradas na imagem humana inteira, elas ressurgem como objeto parcial, nos segmentos do corpo, “as mãos”, “as patas”. (sadismos e a questão da agressividade) Não pode submeter sua agressividade nas relações objetais diferenciadas. Nessa resposta não são personagens que se batem, não é uma agressividade banal assumida, é uma parte do corpo que segura um objeto cortante.

Pode-se dizer que a angústia de castração e a pulsão sádico-anal pode ser canalizada ou elaborada simbolicamente. Esse tipo de fantasia relacional com a ameaça de ser despedaçado e triturado tem um impacto sobre a representação de si. Cristiano, no entanto, tem recursos para integrar o corpo e se identificar. Os conteúdos inteiros ao longo do teste é um indicador de bom prognóstico e do potencial identificatório que pode ser trabalhado (H+A:Hd+Ad= 12:7).

As pranchas maternas (I, VII e IX) e o simbolismo feminino da prancha I reenvia a natureza da relação com a representação materna e à relação precoce com o primeiro

objeto (Emmanuelli & Azoulay, 2008; Chabert, 1998/2003). Cristiano dá três respostas na prancha I “*um inseto... por causa das garras, assim das mãos*” (G F+ A-Hd), Na primeira resposta ele globaliza de forma banal, mas introduz um elemento de estranheza nas extremidades e logo em seguida dá duas respostas de detalhe . Uma que remete à oralidade: “*dois bicos*” (Dd F- Ad) e outra ao fantasma de ser agarrado e pego: “*duas mãos... querendo agarrar alguma coisa*” (Dd kp Hd). Na análise das pranchas a seguir esse fantasma apresenta-se de modo persecutório.

A prancha VII reenvia à imago materna em todas as suas modalidades de relação: das mais arcaicas as mais evoluídas. Cristiano, nesta prancha, dá a única resposta humana de movimento do teste “*duas pessoas com a cabeça encostada*” (G K H), com ausência da projeção do feminino, na figura humana. A representação humana é genérica, mais próxima de uma abordagem corporal, no inquérito ele diz “*aqui é o corpo, com as duas mãos para trás e a cabeça*”. Ao invés de falar dos detalhes brancos que remeteriam ao vazio e à castração, o adolescente faz um superinvestimento nas pontas, nos dedos, nas trombas dos elefantes, indicando uma supervalorização fálica ao invés de valorizar o que poderia dar indicação sobre o feminino. Nas respostas dadas logo a seguir, parcializa as humanas, trazendo um conteúdo paranóide e de controle com traços de ansiedade: “*dois polegares*” (D F- Hd) e “*duas cabeças se olhando*” (Dd kp Hd), “*as trombas ... como se aqui fossem os olhos do elefante e isso daqui as trombas*” (D FE Ad).

Na prancha IX que remete às relações maternas precoces (prancha uterina). Cristiano deixa evidente a regressão, o afeto não é incorporado nas respostas e a formalização é negativa, os conteúdos são (anat;obj; pl). Nesta prancha responde “*Essas partes aqui assim tá parecendo da bexiga*” (Dd F- Anat); “*Recipiente*” (Dd F- Obj); “*Vaso condutor de seiva... linha reta aqui, como se aqui fosse o caule, o negócio da planta e aqui é onde conduz a seiva, o pólen pra abelha*” (Dd F- Pl). A projeção de conteúdos

femininos (bexiga, recipiente) e fálcos (vaso condutor de seiva) indicam a dificuldade de reconhecimento das diferenças. A identificação aqui é ambivalente e regressiva.

Na prancha IV, referente a figura paterna e ao simbolismo masculino (Emmanuelli & Azoulay, 2008), percebe-se um aumento no número de respostas (Pr. IV=6), no entanto, há uma perda na qualidade formal das verbalizações que comparecem permeadas por incertezas e impressões disfóricas. A ampliação da quantidade de verbalizações nessa prancha indica uma mobilização frente à temática da autoridade. Pode-se pensar que a lei se inscreve no registro da disforia e da dúvida. Ele responde nessa prancha: “*Uma casca seca. (Inquérito) [...] É como se fosse casca seca de árvore mesmo, quando você tira, fica tipo retorcida. Ai fica assim, é como se eu visse isso. Retorcido de quebrado, essas partes brancas com essas partes pretas, tá vendo? [...] (D FE_{textura} Pl).* Logo em seguida responde na forma interrogativa, como se não tivesse muita certeza do qualificativo que modula a resposta: “*Um animal grande?*” (G F+ A) “*Um inseto grande?*” (D F- A).

Em um engrama que evoca a questão fálca e a potência, Cristiano dá respostas parcializadas e restrita a regiões da prancha o que evidencia a dificuldade de integrar conteúdos humanos e de construir uma identificação masculina (“*Dois sapatos*” e “*Dois pés*”). A dificuldade de se identificar com o masculino prejudica a identificação com uma figura humana inteira.

A alta incidência das pequenas cinestésias (K:kan+kob+kp=1:7), em detrimento do humano inteiro, denota uma imaturidade no manejo da pulsão. A questão que se coloca é “o que ele faz com essa pulsão?”. A ausência de uma identificação masculina integrada dificulta o investimento de Cristiano em uma relação objetal, o que faz com que o adolescente tenha a tendência de regressar aos sistemas parciais, que são narcisistas, com a necessidade de prender o outro. O trabalho terapêutico pode possibilitar a canalização e o

manejo dos impulsos agressivos eróticos, possibilitando uma relação diferenciada com o outro.

O adolescente encontra-se numa fase de intensos remanejamentos pulsionais e reedições, o que evidencia tanto as potencialidades simbólicas, elaborativas, como as fragilidades narcísicas do seu funcionamento psíquico. No trabalho psicoterapêutico é importante que a relação transferencial seja um suporte da pulsionalidade primitiva. Esse movimento primitivo indica um potencial psíquico do adolescente, no sentido de integrar as pulsões parciais, ampliar a capacidade de identificação e de adaptação à realidade concreta.

3.2.2. O Caso Roberto

a) O percurso de Roberto⁸

Roberto é um adolescente de dezesseis anos de idade. Sua história familiar parece ter sido marcada desde cedo pelo contexto da violência. Os pais brigavam constantemente e Roberto presenciava as cenas de violência que ocorreram até a separação do casal. Nessa época, Roberto tinha quatro anos de idade. Atualmente os progenitores constituíram outro núcleo familiar e Roberto reside com a mãe e o padrasto. A família extensa é numerosa e o adolescente possui dez irmãos por parte de pai e uma irmã mais velha por parte de mãe.

Após a separação do casal, o contato com o pai ocorria com maior intensidade nas férias. O adolescente relata que ele o protegia quando estava por perto “*Meu pai sempre*

⁸ A história de Roberto foi construída a partir das entrevistas com o próprio adolescente, e informações fornecidas pelas técnicas que acompanhavam o cumprimento da medida socioeducativa na Unidade de Internação.

quando ele via alguma coisa assim, alguém brigando comigo ele já se irritava. Não gostava de ver ninguém bancando com brincadeira assim, que machucasse comigo”.

A mãe tem histórico de uso de álcool, o que incomodava o adolescente: *“Nunca gostei dela beber. Assim que ela bebia já ficava logo já estressado. Já não gostava muito de ficar em casa, já queria sair. Sempre que minha mãe ia beber tinha confusão lá em casa.”.* Nessas ocasiões o adolescente relata que já fugiu de casa: *“Era confusão feia, briga feia mesmo, bate-boca. Queria sair de casa, minha mãe vivia me segurando. Sempre minha mãe bebendo, eu querendo fugir, já fugi só que voltava. Ai minha mãe, minha mãe uma vez ela falou ‘vai pra rua, não sei o que’. Falei ‘mãe se eu sair dessa casa, não volto mais nunca’. Ai ela falou ‘não meu filho, não vai não’. Ai quando ela bebia de novo já tinha outras confusões.”.*

Além dessas vivências entre familiares, marcadas pela violência, Roberto relatou situações de violência dirigida a outras pessoas, alheias ao contexto familiar. Em certa ocasião, agrediu uma mulher, juntamente com seu padrasto, quando tinha apenas nove anos de idade: *“... a gente tava lá na casa lá, morava de aluguel. A mulher levantou a mão pra minha mãe, aí meu padrasto já quebrou o rodo nas costas da mulher. Peguei e meti a mão nela, derrubei ela. ‘Não levanta mais nunca a mão para minha mãe, mais nunca’.*

Tais agressões se repetiam e pareciam aumentar em intensidade e variedade do uso de objetos com objetivo de ferir o outro. Roberto continua o relato, detalhando que: *“...tinha uns canteiro do lado, cheio de ferramentas assim... enxada, essas coisas assim. Ai sempre que tinha confusão lá, meu padrasto já se indignava logo, se estressava. Sempre quando eu me envolvia na confusão, já pegava a enxada e tacava na mulher, já taquei faca tentei esfaquear lá a dona lá do lote. [...] Ai a mulher tentava tirar a gente da casa, ai gente falava ‘a gente vai sair, não precisa arrumar confusão não, só tava arrumando uma casa pra gente sair’ Ai chegou os cana... mais antes ela foi inventar de bater na minha*

mãe de novo, aí eu peguei e já dei outra enxadada nela e derrubei, ela ficou no chão se tremendo. [...] Não, na hora assim, na hora que eu bati nela eu nem falei nada. [...]

Quer fosse para “defender” a própria mãe, o espaço de moradia ou o padrasto, Roberto sempre tinha, como resposta, a agressão física: “...bati na mulher logo e fiquei lá no meu canto, quieto. Aí o marido dela também veio querer se engraçar pro lado do meu padrasto, já arrastei foi a faca pra ele logo”.

Esses comportamentos violentos apresentavam-se ainda em outros contextos. Na escola, Roberto se envolveu em muitas brigas e desentendimentos com professores e colegas, chegando também a reprovar quatro vezes. Atualmente, o adolescente está cumprindo medida socioeducativa em uma unidade de internação por passagem ao ato sexual violento cometido contra uma mulher na rua. O ato foi cometido juntamente com um amigo que também cumpre medida na mesma unidade de internação.

b) Sistematização do psicograma do Método de Rorschach e dos dados qualitativos

Tabela 9 – Psicograma e dados qualitativos do Rorschach de Roberto

Localização		Determinante		Conteúdo	
G= 2 D= 10 DDb1=1 Dd= 10 DdDb1= 3 Db1=2	G%= 7,14% D%= 39,28% Dd%= 46,42% Db1%= 7,14%	F+= 6 F-= 6 CF= 3 FC= 6 FC'=2 FE= 4 kob=1	F%= 42,85 % F+%= 50% F+ext%= 46,42 % $\Sigma k= 1$ $\Sigma C=7$ $\Sigma E=2$	Hd= 6 A= 6 A-Hd= 1 (A)= 1 Ad= 4 Anat= 6 Obj= 2 Pl= 1 Nat= 1 Ban= 3	H%=21,42 % A%= 42,85 % Ban%= 10,71%
		Secundário FE= (1) kob= (1)	Secundário Vest= (2) Ad= (1) Elem= (1) Obj= (1) Fg= (1)		
R= 28 T.T= 545/60=9' T.R.m= 545/28=19" T.L.m= 60/10= 6"		FC:CF+C= 6:3 FC': C'F+ C'= 2:0 K:kan+kob+kp= 0:1 Impulsos= $\Sigma C:\Sigma E= 7:2$ T.R.I= K:$\Sigma C= 0:7$ (Extratensivo Puro) T.L= kan+kob+kp:$\Sigma E= 1:2$		H+A:Hd+Ad= 7:10 H:Hd= 0:6 I.R.A= 100x Número de respostas VIII+IX+X/R= 32,14% F.A= Hd+(Hd)+Anat+ Sg+Fg+ Sex x 100/R= 42,85%	

Fenômenos Especiais

Envolvimento = 10
 Diminutivo = 8
 Ref. de lembrança Pessoal = 8
 Resposta par = 7
 Mancha= 5
 Resposta de complexo (oralidade) = 5
 Perseveração= 4
 Agravamento= 3
 Resposta de reflexo= 3
 Gesticulação= 3
 Crítica ao Sujeito= 2
 Evidência= 1
 Fusão figura fundo= 1
 Ad incompleta (mutilação)= 1
 Tendência a contaminação= 1
 Ligação= 1

a) Aspectos gerais do protocolo de Rorschach

Roberto apresenta capacidade produtividade acima da média ($R=28$), no entanto, apresenta dificuldades em estabelecer um pensamento voltado para a generalização e para o abstrato, com tendência a se apegar a minúcias, o que pode levar a incoerência do pensamento ($G\%= 7,14\%$; $D\%= 39,28\%$; $Dd\%= 46,42\%$). Além disso, o adolescente possui poucos recursos intelectuais para lidar com a demanda pulsional ($F\%= 42,85\%$; $F+\%= 50$; $K:Kan+kob+kp= 0:1$).

A relação com a realidade encontra-se preservada ($D\%= 39,28\%$), no entanto, Roberto apresenta dificuldades em compartilhar o pensamento coletivo ($A\%= 42,85\%$; $Ban= 10,71\%$; $F\%= 42,85\%$; ausência de kan na Pr. VIII).

Do ponto de vista emocional, o adolescente apresenta uma forte impulsividade (T.R.I. $K:\Sigma C= 0:7$) com tendência de passagem ao ato ($\Sigma C:\Sigma E= 7:2$). A escassez de defesas para manejo dos afetos, a falta de controle interno aliada a dificuldade identificatória ($K:Kan+kob+kp= 0:1$) apontam para um contexto de passagem ao ato na qual o outro não é apreendido como sujeito integrado e autônomo, mas a partir da parcialidade ($H:Hd= 0:6$).

c) Aspectos referentes às dimensões narcísicas e identitárias

Enquanto na adolescência é esperado um aumento das respostas globais em relação aos detalhes (Emmanuelli & Azoulay, 2008), Roberto faz ao contrário, ele globaliza muito pouco ($G=7,14\%$) e detalha muito ($Dd = 46,42\%$). Como aponta Jardim-Maran (2011), os adolescentes apresentam uma tendência em detalhar mais as respostas em comparação com os adultos, no entanto, a porcentagem apresentada por Roberto é incomum

Segundo Gerencer (2012) as respostas globais são importantes para indicar a natureza da unificação de si. As duas únicas respostas globais presentes no protocolo

comparecem nas pranchas I e V. Na primeira prancha Roberto responde: “*Um morcego. (Inquérito) A asa aqui, aqui as garrinhas dele, aqui a cauda. Eu vi umas mãozinha pequena, eu vi aqui o rosto dele. Imaginei, pensei um rosto.*” (G F+ A-Hd). Essa resposta com conteúdo híbrido mostra que a categoria animal está entrelaçada com o humano demonstrando uma confusão de reinos e uma dificuldade de fazer essa diferenciação. Sobre a incidência das repostas híbridas em protocolos, Chabert (1998/2003) ressalta a presença de uma problemática identitária com fragilidade da imagem de si. Em Roberto, as repostas na prancha V são as seguintes: a primeira resposta “*Parece uma borboleta*” (G F+ A) seguida de uma resposta especular localizada em um detalhe menos frequente: “*Um cachorro, dois cachorros. (Inquérito) [...] Como esse desenho aqui é espelhado o que tem de um lado tem de outro. [...] Esse vácuo no meio, tá em branco no meio do preto. [...]”.* (DdDbl FC’ Ad). A resposta “borboleta” sugere uma sensibilidade à banalidade o que poderia indicar uma potencialidade para a unificação da imagem de si, no entanto, a segunda resposta que vem logo a seguir indica como a representação de si encontra-se prejudicada, permeada por uma reivindicação especular e pela sensibilidade ao vazio. Essa sensibilidade ao vazio, à falha, mantém a tônica na incompletude, como ressalta Chabert (1998/2003).

A capacidade de delimitar entre o interno e o externo é fundamental na construção da delimitação de si e do outro (Chabert, 1993). Na Tabela 10 encontra-se a categorização das repostas de penetração e barreira do protocolo de Roberto. As repostas de barreira aumentada e penetração diminuída ($5B < 3P$) e as formalizações ($F\% = 42,85\%$; $F+\% = 50\%$) indicam uma tentativa de investimento nos limites que, muitas vezes falha devido à dificuldade de unificação ($G\% = 7,14$).

Tabela 10 – Respostas classificadas como Barreira (B) e/ou Penetração (P) no Rorschach de Roberto

Pr.	Resposta	B-P	Critério ⁹
I	Uma borboleta também. (Inquérito) Eu vi esse aqui, pensei como se fosse o desenho dela, esse branco. Mais por essas manchas no meio, essas partes brancas , como se fossem os desenho dela.	B	2a
VI	Uma britadeira. (Inquérito) <i>Porque eu vi isso aqui e pensei, segurar aqui, aí aqui já vai cavando.</i>	P	A
VII	Parece dois rostos aqui. (Inquérito) O rosto aqui, a boca , os dentes , um rosto meio pra frente [...] , Aí isso daqui em cima, pensei num chapéu	P/B	B (1) P (1)
VIII	Um rio espelhado.	B	10
	Duas capivaras em cima da água (Inquérito) [...] Como se fosse refletindo aí dá a impressão de água.	B	11
X	Um bigode? Um nariz no meio e dois olhos em cima	B	12
	Um cavalo sem cabeça. Dois cavalo sem cabeça . (Um cavalo sem cabeça aqui saindo fogo . Eu lembrei do folclore, da mula sem cabeça).	P	3
		5B>3P	

Roberto busca a formalização e os limites. Os tipos de defesa que podem ser caracterizadas como narcísica, são as que comparecem no protocolo de Roberto, quais sejam: o congelamento dos movimentos pulsionais e o desdobramento. Roberto não apresenta cinestesia humana integrada no teste ($K=0$). Na sua expressão simbólica e elaborada, embora restrito, o único movimento passível de expressão pulsional é o primitivo e violento observado no movimento de objeto ($kob=1$) na prancha VI *“também uma britadeira... Porque eu vi isso aqui e pensei, segurar aqui, aí aqui já vai cavando (faz os gestos)”* (Dd kob Obj). Outra defesa narcísica que comparece no protocolo é o desdobramento, caracterizado pelas respostas em pares das pranchas (IV, V, VII, VIII e X) e pelas respostas em espelho (prancha V). No desdobramento segundo Chabert (1993), a insistência é realizada sobre o aspecto especular da relação, o que exclui o conflito desejo e defesa, ou seja, o conflito não comparece na vida psíquica.

Vários autores (Beizmann, 1961; Anzieu, 1961/1978; Rausch de Traubenberg 1970/1998) indicam a importância de se observar a relação entre H e Hd para se verificar como se organiza a imagem do corpo e o contato humano. Em Roberto predomina a dificuldade de configurar a representação de si e uma angústia de fragmentação. É um

⁹ O critério de classificação foi baseado no trabalho realizado por Gerencer (2012) disponível no Anexo F.

protocolo sem respostas humanas (H=0) e de movimento (K=0) com projeções de imagens anatômicas (Anat=6) e detalhes do corpo (Hd=6). Para ilustrar, mesmo na prancha III, que solicita uma imagem cinestésica humana, Roberto responde: “*um rosto*”; “*um nariz sem essa parte aqui...o formato do osso*”; “*um sorriso*”; “*os dois rins*”. Roberto não tem um protocolo de psicótico, mas apresenta uma dificuldade acentuada de integração de si e de se relacionar.

Um aspecto preponderante neste protocolo é a ausência de conteúdos humanos inteiros e das cinestésias, com a presença maciça de conteúdos humanos parcializados e anatômicos (H:Hd= 0:6; Anat=6). A projeção maciça no protocolo de respostas anatômicas e Hd, com um índice de angústia elevada ($F.A = \frac{Hd + (Hd) + Anat + Sg + Fg + Sex}{R} \times 100 = 42,85\%$) indicam que o adolescente encontra-se submerso em uma angústia de fragmentação. Podemos supor que o movimento pulsional que quase não aparece, quando surge na prancha VI na resposta: “*também uma britadeira... Porque eu vi isso aqui e pensei, segurar aqui, aí aqui já vai cavando (faz os gestos)” (Dd kob Obj), carrega uma impulsividade mais primitiva sem recurso de controle e elementos de identificação com o campo próprio da relação libidinal humana (K=0).*

Quando comparecem respostas que remontam a um duplo, não há interação libidinal e/ou agressiva, sendo que o movimento pulsional integrado a uma dinâmica relacional está ausente. Como por exemplo, na prancha IV “*Um cavalo, dois cavalo*”; prancha V “*Um cachorro, dois cachorros (Inquérito) [...] Como esse desenho aqui é espelhado o que tem de um lado tem de outro. [...]*” e na prancha X “*Um cavalo sem cabeça. Dois cavalo sem cabeça*”. Além disso, essas respostas denotam uma incerteza em algumas respostas quanto ao engrama visto, seria uma unidade “*Um cavalo*” ou duas imagens distintas “*dois cavalo*”, que poderia implicar uma relação objetal? Na prancha V, é apresentado um movimento narcísico e espelhado, próprios dos mecanismos de

clivagem. Nesse ponto abre-se uma questão, como se constituíram as identificações desse adolescente?

Como foi ressaltado no caso anterior, as pranchas maternas (I, VII e IX) e o simbolismo feminino da prancha I reenvia a natureza da relação com a representação materna e à relação precoce com o primeiro objeto (Emmanuelli & Azoulay, 2008; Chabert, 1998/2003). Roberto na prancha I que remete à relação com o primeiro objeto dá uma resposta global, ressaltando o espaço em branco, que remetem a uma falha, uma incompletude na relação materna primitiva: “*Uma borboleta também. (Inquérito) [...] essas garras aqui. Eu vi isso daqui e pensei como se fossem os desenho dela, esse branco. [...] o formato, essas manchinhas cinza também*” (DdDbI FC’/FE A) e “*Parece com os artesanatos que eu já fiz (Inquérito) Eu imaginei por causa dessas manchas (aponta para a parte branca) aqui assim, essa parte aqui do meio. [...] O formato, essas quatro manchas. Essas manchinhas cinza aqui também.*” (DbI FE Obj). A resposta de *estompagem* indica uma busca ansiosa de contato.

Como apontado anteriormente, Roberto apresenta uma fragilidade importante em suas bases narcísicas, o que remonta as suas relações precoces e a dificuldade de realizar um trabalho de integração. O olhar materno, com a possibilidade de suporte, *holding* (Winnicott, 1975) foi insuficiente para assegurar a integração da imagem de si e a diminuição das angústias persecutórias. A angústia de fragmentação comparece massivamente, evocando do adolescente suas defesas mais primitivas em um apelo constante ao ambiente. A passagem ao ato surgiria como uma forma de lidar com o surgimento dessas angústias primitivas insuportáveis ao aparelho psíquico, o ato passa ser uma forma de elaboração, tratamento das excitações (Marty, 2010).

O trabalho com Roberto passa a ser o de possibilitar a integração da imagem de si, e num passo mais adiante, possibilitar a identificação com o humano. A angústia

fundamental é a de fragmentação e a passagem ao ato seria uma forma de lidar com essa angústia de natureza mais primitiva. Esse caso indica a necessidade de provimento ambiental (Winnicott, 1975, 1983, 2005, 2011) e de suporte narcísico identitário (Marty, 2010) para elaboração de uma subjetividade fragilmente constituída e com potencial de evolução para uma organização mais patológica.

Por outro lado, no caso de Cristiano, percebemos uma problemática identitária e de identificação com a figura paterna ligada à angústia de castração e ao processo adolescente, com seus remanejamentos pubertários (Gutton, 1990). O apelo ao ambiente é muito menor, comparado ao caso de Roberto já que Cristiano dispõe de defesas que possibilitam o manejo e controle dos afetos.

Para finalizar, é importante ressaltar como as subjetividades nesse grupo se constituem de formas diversas e a passagem ao ato pode ter uma significação própria também relacionada à dinâmica do funcionamento psíquico do adolescente. Sempre é bom lembrar que nesse momento do desenvolvimento, no qual há uma reatualização do infantil (Bergeret, 1972/2006, 1994), a estabilidade do funcionamento psíquico é de natureza provisória, bem como, as nossas conclusões.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho realizado com o grupo de adolescentes que praticaram ato sexual violento, podemos observar algumas especificidades como as vulnerabilidades destes jovens em seus fundamentos narcísicos e identitários e a presença de uma sensibilidade depressiva.

A dificuldade de demarcar limites, a problemática identificatória, o estabelecimento de relações especulares e o uso de defesas narcísicas apontam para as fragilidades destes adolescentes. Por outro lado, o comparecimento de uma sensibilidade depressiva evidencia a potencialidade de reparação deste grupo. A questão que se coloca é como possibilitar que estes jovens direcionem a sua pulsionalidade no sentido da construção, desviando-se do caminho da destrutividade e entrando em contato com a depressividade em detrimento da passagem ao ato.

Na compreensão dos aspectos dinâmicos e econômicos destes adolescentes percebemos a ausência de um perfil único (Chagnon, 2008, 2009, 2012; Roman, 2004, 2012) e, a diversidade de sentidos que a passagem ao ato sexual violento pode assumir em cada caso. Em Cristiano indicaria uma tentativa de simbolização (Marty, 2000, 2010, 2012) e uma dificuldade da função de paraexcitação (Jeammet, 2006; Marty, 2000, 2010, 2012; Balier, 1996/2008). Por outro lado, diante do pouco comércio pulsional de Paulo e Leonardo, o ato sexual violento entraria como substituto do trabalho psíquico (Marty, 2000, 2010, 2012). Um aspecto marcante em Roberto é o apelo ao ambiente e a passagem ao ato como uma defesa contra angústias primitivas (Marty, 2010).

Ao percorrer o caminho desse trabalho, chegamos ao final compartilhando o pensamento de Chagnon (2012) no sentido de que a agressão sexual na adolescência, de qualquer natureza, necessita de um trabalho que associe a compreensão da subjetividade do adolescente e do seu funcionamento psicodinâmico com uma intervenção no campo judiciário.

Na compreensão do funcionamento psíquico do adolescente, a ideia de um suporte do ambiente proporcionado pelos cuidados maternos (Winnicott, 2005), deve ser ampliada para as instituições e os profissionais que acompanham os adolescentes que cometem agressões sexuais. Essa é a proposta de Roman (2012), ao falar de cuidado em uma dimensão ativa, em que o clínico abandona uma postura de espera da demanda e adota uma postura ativa, em que ele oferta o cuidado. Desse modo, o clínico se constitui como um espelho para esses adolescentes que apresentam dificuldades em lidar com a passividade e na ausência de processos de elaboração e simbolização, passam ao ato (Balier, 1996, 2008; Roman, 2004, 2012; Chagnon, 2008, 2009, 2012).

Essa perspectiva de acolhimento e cuidado do clínico em relação a esses adolescentes ecoa no tipo de intervenção que pode ser realizada. Para além de intervenções como a psicoterapia com os adolescentes e com as famílias que são importantes e fundamentais, pela complexidade da atenção a esse adolescente, é preponderante a constituição de uma equipe interdisciplinar com diferentes lugares e possibilidades de laços transferenciais. Esse “grupo cuidador” propicia aos profissionais um compartilhar das diferentes percepções acerca do adolescente; uma flexibilidade dos dispositivos de cuidado; a possibilidade de apoio em mais de um cuidador e como suporte das angústias e desânimo que esse trabalho pode evocar. Esse grupo se configura como um “envelope cuidador”, que contém as excitações desses adolescentes (Roman, 2012).

Nesse contexto de cuidado, a avaliação psicológica pode ser inserida como um instrumento que possibilita o acesso à subjetividade, mobilizando demanda e indicando as fragilidades e pontos de apoio dos adolescentes para atravessar esse período de remanejamentos. Como pudemos perceber neste trabalho, a análise dos protocolos de Rorschach dos adolescentes indicaram vulnerabilidades no que se refere aos aspectos psíquicos, particularmente aos fundamentos narcísicos e identitários. No entanto, como foi possível indicar nos resultados, esses jovens não apresentaram um perfil único que os enquadrem em uma mesma categoria de organização psíquica. Pelo contrário, as suas subjetividades são ancoradas em diversas modalidades de organização. Essa conclusão coloca a necessidade da ação dos profissionais da justiça e da saúde incidir também sobre a subjetividade do adolescente, considerando esse momento do desenvolvimento, suas peculiaridades, e principalmente, que o adolescente, mesmo tendo cometido um ato como o abuso sexual, além de espaço de continência deve ter tratamento cuidado e proteção. Sobre esse aspecto, Costa (et al, 2011) adverte sobre a necessidade de uma política de saúde que tenha um alcance também para esse grupo de adolescentes ofensores sexuais.

Nesse sentido, independente do contexto em que o trabalho com adolescentes que praticaram ato sexual violento seja realizado, na área clínica, jurídica ou da saúde, é imprescindível um olhar clínico, em direção à singularidade. Por outro lado, a dificuldade encontrada por esses adolescentes de realizar um trabalho psíquico de elaboração e simbolização, nos remete ao complexo papel dos profissionais. Diante de angústias primitivas e intensa excitação pulsional, eles se defrontam com a complexa tarefa de ser suporte, continência e *holding*.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A & Knobel, M. (1981). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Amparo, D. M. (1996). *A imagem do corpo e a simbolização na esquizofrenia: um estudo teórico-clínico com o método de Rorschach*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasil.
- Amparo, D. M. & Pereira, M. S. (2010). Adolescência e passagem ao ato violento: aspectos clínicos e psicodinâmicos. In D. M. Amparo, S. F. C. Almeida, K. T. R. Brasil & F. Marty. *Adolescência e violência: teorias e práticas nos campos clínico, educacional e jurídico* (pp. 67-88). Brasília: Líber Livro.
- Anzieu, D. (1989). *Os métodos projetivos* (5a edição; M. L. do E. Silva, Trad.). Rio de Janeiro: Campus.
- Augras, M. (2004). *Teste de Rorschach: atlas e dicionário: padrões preliminares para o meio brasileiro* (11a edição). Rio de Janeiro: FGV (Obra original publicada em 1969).
- Balier, C. (2008). *Psychanalyse des comportements sexuels violents* (3a edição). Paris: Presses Universitaires de France (Obra original publicada em 1996).
- Bergeret, J. (1994). *La violence et la vie: la face cachée de l'oedipe*. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- Bergeret, J. (2006). Violência e evolução afetiva humana. In J. Bergeret et al. *Psicopatologia: teoria e prática* (9a edição, pp. 89-93). Porto Alegre: Artmed (Obra original publicada em 1972).

- Blos, P. (1998). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica* (2a edição). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1985).
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Brasil. (1990). Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.
- Brasil. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente. (2009). *Levantamento nacional do atendimento socioeducativo ao adolescente em conflito com lei – 2009*. Recuperado em 10 de janeiro, 2011, de [http://www.promenino.org.br/Portals/0/Adolescentes%20em%20Conflito%20com%20a%20Lei/socioeducativo2010\[1\].pdf](http://www.promenino.org.br/Portals/0/Adolescentes%20em%20Conflito%20com%20a%20Lei/socioeducativo2010[1].pdf)
- Boulangier, J. J. (2006). Aspecto metapsicológico. In J. Bergeret et al. *Psicopatologia: teoria e prática* (9a edição, pp. 52-88). Porto Alegre: Artmed (Obra original publicada em 1972).
- Brelet-Foulard, F. & Chabert, C. (2008). *Novo manual do TAT: abordagem psicanalítica*. São Paulo, Vetor.
- Chabert, C. (1993). *A psicopatologia no exame do Rorschach* (N. da Silva Jr., Trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores (Obra original publicada em 1998).

- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos* (A. José Lelé & E. M. A. Costa e Silva, Trad.). São Paulo: Vetor.
- Chagnon, J-Y. (2008). Traumatismo, violência e agressões sexuais. In S. R. Pasian et al. (Org.) *Avaliação de personalidade técnicas e contextos diversos* (Vol. 1, pp. 510-535). Ribeirão Preto: Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos.
- Chagnon, J-Y. (2009). A agressão sexual na adolescência: um destino da hiperatividade? *Ágora*, XII(21), 275-290.
- Chagnon, J-Y. (2012). As agressões sexuais na adolescência. In D. M. Amparo et al. (Orgs.) *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais* (pp. 59-78). Brasília: Editora UnB.
- Costa, L. F.; Junqueira, E. L.; Ribeiro, A.; Meneses, F. F. F. (2011). "Ministério da Obrigação adverte": é preciso proteger os adolescentes ofensores sexuais. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 29 (1) pp. 33-46.
- Durat Junior, C. *O Rorschach na avaliação psicológica do adolescente em conflito com a lei*. Dissertação de Mestrado, Universidade São Francisco, Itatiba, Brasil.
- Emmanuelli, M. (2011). *L'adolescence* (10a edição). Paris: Presses Universitaires de France.
- Emmanuelli, M. & Azoulay, C. (2008) *As técnicas projetivas na adolescência: uma abordagem psicanalítica* (M. A. de Souza, Trad.). São Paulo: Vetor.

- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre sexualidade. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (2006). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1910).
- Freud, S. (2006). O caso Schreber. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1911).
- Freud, S. (2006). Totem e Tabu. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1913).
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (Obra original publicada em 1914).
- Garcia-Roza, L. A. (1995). *Introdução à metapsicologia freudiana: artigos de metapsicologia, 1914-1917* (2a edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Garcia-Roza, L. A. (2005). *Freud e o inconsciente* (21a edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1984).
- Gerencer, T. T. (2012). *A capacidade de diferenciação entre interno e externo no Rorschach de pessoas com sintomas psicóticos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Brasil.

- Gerencer, T. T. (2012). *A capacidade de diferenciação entre interno e externo no Rorschach de pessoas com sintomas psicóticos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Gutton, P. (1990). *Le pubertaire*. Paris : PUF.
- Gutton, P. (2002). *Violence et adolescence*. Paris: In Press Éditions.
- Husain, O. (1991) Sélection de l'échantillon en recherche projective : pour une défense du groupe unique à faible visibilité groupale. *Bulletin de Psychologie*, 402, pp. 465-468.
- Jardim-Maran, M. L. S. (2011). *O psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes: normas e evidências de validade*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Jeammet, P. & Corcos M. (2005). *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jeammet, P. (2006). As patologias do agir na adolescência. Em Amaral, M. (Org.) *Educação, psicanálise e direito* (pp.22-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Klein, M. (1982). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. Em Hermann, F. (Org.). *Melanie Klein: psicologia* (pp.68-91). São Paulo: Ática. (Obra original publicada em 1969).
- Laplanche, J. & Pontalis (2004). *Vocabulário da Psicanálise* (4a edição). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1982).

- Levisky, D. L. (1998). *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (3a edição). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Marty, F. (2000). Violences à l'adolescence. In *L'illégitime violence: la violence et son dépassement à l'adolescence* (pp. 07-17). Ramonville Saint-Agne: Collection actualité de la psychanalyse.
- Marty, F. (2006). Adolescência, violência e sociedade. *Ágora*, 9(1), 119-131.
- Marty, F. (2010) Adolescência e violência. In D. M. Amparo et al. (Orgs.). *Adolescência e violência: teorias e práticas nos campos clínico, educacional e jurídico* (pp. 45-66). Brasília: Editora UnB.
- Marty, F. (2012) A função do agir na adolescência. In D. M. Amparo et al. (Orgs.). *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais* (pp. 19-31). Brasília: Editora UnB.
- Murray, H. A. (2005). *Teste de apercepção temática* (3a edição). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pasian, S. R. (2010). *O psicodiagnóstico de Rorschach em adultos: atlas, normas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Rausch de Traubenberg, N. R. & Sanglade, A. (1984). Représentation de soi et relation d'objet au au Rorschach grille de représentation de soi. *Revue de Psychologie Appliquée*, 34(1), pp. 41-59.
- Rausch de Traubenberg, N. (1998). *A prática do Rorschach*. São Paulo: Vetor.
- Roman, P. (2004). La violence sexuelle et le processus adolescent. Dynamique des aménagements psychiques. des auteurs aux victimes de violence sexuelee. L'apport des méthodes projectives. *Revue de la Société du Rorschach et des méthodes projectives de langue Française*, 10, 113-146.
- Roman, P. (2012). *Les violences sexuelles à l'adolescence: comprendre, accueillir, prévenir*. Issy-les-Moulineaux: Elsevier Masson.
- Rorschach, H. (1967). *Psicodiagnóstico: método e resultados de uma experiência diagnóstica de percepção*. São Paulo: Editora Mestre Jou (Obra original publicada em 1921).
- Santos, E. M. M. (2011). *Adolescente em conflito com a lei: um estudo de caso clínico*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasil.
- Soldatelli, M. I. S. (2007). *O adolescente em risco social: a expressão dos processos de identificação no método de Rorschach*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Souza, C. C. & Resende, A. C. (2012) Transtornos psicológicos em adolescentes socioeducandos. *Avaliação Psicológica*, 11(1), 95-109.

- Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definições e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), 93-108. Recuperado em 29 novembro, 2012, de <http://portal.esars.pt/joomla/phocadownload/normas%20apa.pdf>
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis: Vozes.
- Winnicott, D. W. (1965). The relationship of a mother to her baby. In D. W. Winnicott. *The Family and individual development* (pp.15-20). London: Tavistock Publications Limited.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu & V. Nobre, Trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (2005). *Privação e delinquência* (4a edição; A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2011). *Tudo começa em casa* (5a edição; P. Sandler, Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1989).

ANEXO A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁰

Senhores pais ou responsáveis,

Estamos realizando o Projeto Adolescência, Violência e Traumatismo que tem como objetivo identificar fatores que relacionam a temática da adolescência e as situações de violência. A pesquisa contará com a realização de entrevistas, grupos focais, atendimento psicológico individual e familiar, utilização de técnicas projetivas e aplicação de questionário. Todas as etapas da pesquisa serão realizadas por professores (Psicólogos) e bolsistas-pesquisadores (alunos de Psicologia), devidamente autorizados. Algumas das etapas da pesquisa serão realizadas nas instituições de atendimento aos adolescentes ou nas escolas e outras serão realizadas nas clínicas escolas das Universidades de Brasília e Universidade Católica de Brasília. A aplicação do questionário será realizada nas instituições.

Você pode se recusar a participar ou parar de participar sem qualquer prejuízo. A sua participação é voluntária, e será documentada através da sua assinatura neste documento. A participação na pesquisa não implica em complicações legais, talvez apenas em lembranças de alguns eventos diante da temática que será abordada. Os procedimentos utilizados nessa pesquisa foram aprovados por um Comitê de Ética conforme a Resolução n. 196/96 do CNS. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua integridade. Em caso de necessidade poderá ser realizado atendimento psicológico individualizado.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. Somente os pesquisadores, terão acesso a suas informações.

Os resultados serão divulgados em artigos científicos, preservando nomes e dados de identificação, e os dados obtidos com a pesquisa ajudarão a compreender melhor a realidade em que estão inseridos os adolescentes, e contribuirão para a melhoria dos serviços de atendimento a essa população. Você não terá nenhum tipo de despesa com a pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, entre em contato com a Prof^a. Deise Matos do Amparo através do e-mail deiseamparo@unb.br ou com o Comitê de Ética em pesquisa (cep_ih@unb.br). Este termo de consentimento está redigido em duas vias, uma ficará com você e outra com o pesquisador.

A devolução dos resultados será realizando junto à equipe técnica que acompanha os adolescentes e à família

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Brasília, _____ de _____ de _____.

Identificação do adolescente

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

¹⁰ Documento elaborado pelo grupo da pesquisa “Adolescência, Violência e Traumatismo: dimensões psíquicas e relacionais”.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹¹

Prezado jovem,

Estamos realizando o Projeto Adolescência, Violência e Traumatismo que tem como objetivo identificar fatores que relacionam a temática da adolescência e as situações de violência. A pesquisa contará com a realização de entrevistas, grupos focais, atendimento psicológico individual e familiar, utilização de técnicas projetivas e aplicação de questionário. Todas as etapas da pesquisa serão realizadas por professores (Psicólogos) e bolsistas-pesquisadores (alunos de Psicologia), devidamente autorizados. Algumas das etapas da pesquisa serão realizadas nas instituições de atendimento aos adolescentes ou nas escolas e outras serão realizadas nas clínicas escolas das Universidades de Brasília e Universidade Católica de Brasília. A aplicação do questionário será realizada nas instituições.

Você pode se recusar a participar ou parar de participar sem qualquer prejuízo. A sua participação é voluntária, e será documentada através da sua assinatura neste documento. A participação na pesquisa não implica em complicações legais, talvez apenas em lembranças de alguns eventos diante da temática que será abordada. Os procedimentos utilizados nessa pesquisa foram aprovados por um Comitê de Ética conforme a Resolução n. 196/96 do CNS. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua integridade. Em caso de necessidade poderá ser realizado atendimento psicológico individualizado.

Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. Somente os pesquisadores, terão acesso a suas informações.

Os resultados serão divulgados em artigos científicos, preservando nomes e dados de identificação, e os dados obtidos com a pesquisa ajudarão a compreender melhor a realidade em que estão inseridos os adolescentes, e contribuirão para a melhoria dos serviços de atendimento a essa população. Você não terá nenhum tipo de despesa com a pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, entre em contato com a Prof^a. Deise Matos do Amparo através do e-mail deiseamparo@unb.br ou com o Comitê de Ética em pesquisa (cep_ih@unb.br). Este termo de consentimento está redigido em duas vias, uma ficará com você e outra com o pesquisador.

A devolução dos resultados será realizando junto à equipe técnica que acompanha os adolescentes e à família

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Brasília, _____ de _____ de _____.

Identificação do adolescente

Assinatura do responsável

Assinatura do adolescente

Assinatura do pesquisador

¹¹ Documento elaborado pelo grupo da pesquisa “Adolescência, Violência e Traumatismo: dimensões psíquicas e relacionais”.

ANEXO B

Roteiro de Avaliação¹²

1 - Contato com o técnico (psicólogo ou assistente social) que acompanha o adolescente:

- a. Levantar a história do caso.
- b. Identificar os objetivos que o profissional tem em relação à avaliação psicológica que iremos realizar e esclarecer o que faremos. Explicar que o trabalho realizado tem a perspectiva de auxiliar o trabalho do psicólogo, assistente social na perspectiva da saúde mental.
- c. Investigar com o técnico a melhor forma de entrar em contato com o familiar ou responsável pelo adolescente.

2 - Primeiro contato com o adolescente:

- a. *Rapport*, termo de consentimento e entrevista inicial.
- b. Explicar os objetivos da avaliação procurando esclarecer todas as dúvidas que o adolescente possa ter.
- c. Distinguir o lugar que ocupamos enquanto pesquisadores, distanciando do lugar da justiça. Esclarecer que não é uma avaliação para o juiz e que não será anexada ao processo judicial.
- d. Possibilidade do atendimento psicoterápico.
- e. Momentos diferentes da entrevista com a família e entrevista.
- f. **Material:** gravador, termo de consentimento, roteiro de entrevista.

3 - Aplicação do Método de Rorschach:

- a. Avaliar: condições físicas (medicações, estado de cansaço, problemas visuais e auditivos, alimentação, etc.) e condições psicológicas (problemas situacionais, alterações comportamentais), procurando identificar possíveis situações que possam influenciar na qualidade do desempenho do sujeito.
- b. **Material:** Pranchas de Rorschach, cronômetro, folha de localização, gravador.

4 - Aplicação do TAT e continuação da entrevista:

- a. Instrução para o TAT: “Este é um teste de imaginação que é uma das formas da inteligência. Vou mostrar algumas pranchas, uma de cada vez, e a sua tarefa será inventar, para cada uma delas, uma história com o máximo de ação possível. Conte-me o que levou ao fato mostrado na prancha, descreva o que está acontecendo no momento, o que as personagens estão sentindo e pensando,

¹² Roteiro elaborado pelo grupo da pesquisa “Adolescência, Violência e Traumatismo: dimensões psíquicas e relacionais”.

conte depois como termina a história. Procure expressar seus pensamentos conforme eles forem ocorrendo em sua mente. Você compreendeu?”

- b. Ordem de aplicação das pranchas: 1, 2, 3RH, 4, 5, 6RH, 7RH, 8RH, 10, 11, 12RM, 13R, 19, 16.
- c. **Material:** gravador, roteiro de entrevista, pranchas do TAT.

5 - Finalização da entrevista:

- a. **Material:** gravador, roteiro de entrevista.

6 - Devolução dos resultados ao adolescente e ao técnico da instituição:

ANEXO C

Roteiro de Entrevista Semidirigida com as famílias¹³

1 – Relacionamento do casal: Namoro e casamento

Como os pais se conheceram? Estão juntos até hoje? Como é o relacionamento entre eles? Se não estão mais juntos, por quanto tempo permaneceram juntos? Como era o relacionamento? Por que se separaram? Como era o relacionamento com a família extensa? Com os amigos? Vizinhos? Quando precisavam de ajuda a quem recorriam, que pessoas ou instituições ajudavam?

2 – Nascimento dos filhos e primeira infância

Como foi o nascimento de cada filho? E deste filho (que está na semiliberdade)? Foi desejado pelos pais? Foi esperado? Se tiverem outros filhos, como foi com os outros? Houve diferenças entre eles? Como foi sua infância? Que doenças tiveram? Alguém percebia algum problema com alguns dos filhos? Caso a resposta seja afirmativa de quais deles? O que era problemático? Quem estava com eles na infância? Como era a relação de cada filho com os pais, irmãos, ou outras figuras significativas? Como era a família nesta época? Havia brigas? Entre quem? A família fazia algum programa junta? Passeavam? Onde? Como era o relacionamento com a família extensa? Com os amigos? Vizinhos? Quando precisavam de ajuda a quem recorriam, que pessoas ou instituições ajudavam?

3 – Entrada dos filhos na escola

Como foi a entrada dos filhos na escola? Este filho que está na semiliberdade apresentou algum problema? E com os outros filhos? Foi diferente? Igual? Havia reclamações da escola? Como era o relacionamento com a família extensa? Com os amigos? Vizinhos? Quando precisavam de ajuda a quem recorriam, que pessoas ou instituições ajudavam?

4 – Adolescência dos filhos

Como foi a sua adolescência dos filhos. Que dificuldades cada um apresentou? A família tinha o hábito de conversar entre si? Os pais conversavam com os filhos? E os filhos entre si? Quando conversavam, sobre que assuntos falavam? Alguém percebia algum problema com o adolescente? E com os outros filhos? Os pais conheciam os amigos dos filhos? Estes frequentavam sua casa? Como era o relacionamento com a família extensa? Com os amigos? Vizinhos? Quando precisavam de ajuda a quem recorriam, que pessoas ou instituições ajudavam?

5 - A família e os atos delinquentes do adolescente

Reações de cada membro da família frente aos delitos cometidos pelo adolescente. Quem sabia que o adolescente estava envolvido em atos delinquentes? Quais as reações destas

¹³ Roteiro de entrevista elaborado pelo grupo da pesquisa “Adolescência, Violência e Traumatismo: dimensões psíquicas e relacionais”.

peessoas? Alguém procurou conversar com ele sobre o seu comportamento? Quem? No momento, o que cada um pensa sobre o porque o adolescente se envolveu nestes atos? Outros filhos também se envolveram em atos semelhantes? Como foi com estes outros filhos? A família buscou algum tipo de ajuda: amigos, parentes, vizinhos, instituições (escola, hospital, polícia, igreja, etc)? Os vizinhos, amigos e parentes sabiam que o adolescente cometia tais atos? Quais eram as reações?

6 - A família e o uso de drogas

Os pais têm conhecimento de que seus filhos usaram ou usam algum tipo de drogas (incluir álcool e cigarro como drogas) Caso afirmativo, que drogas sabem que o(s) filho(s) experimentaram? Que comportamentos o(s) filho(s) tinha(m) quando usava(m)? Quem percebeu primeiro que o(s) adolescente(s) usava(m) drogas? Que atitude tomou? Que motivos acham que levam os adolescentes a se envolverem com drogas? Estes motivos se aplicam aos seus filhos? Houve diferenças na relação dos pais como este adolescente que está na semiliberdade? A família buscou algum tipo de ajuda: amigos, parentes, vizinhos, instituições (escola, hospital, polícia, igreja, etc)? Os vizinhos, amigos e parentes sabiam que o adolescente usava drogas? Quais eram as reações?

6 - A família e a medida socioeducativa

Como cada um reagiu à aplicação da medida? O que pensam deste tipo de medida? O que esperam que ela possa proporcionar ao adolescente? O que mudou na família com o fato do adolescente estar cumprindo medida? Mudou alguma coisa nos relacionamentos com os vizinhos, amigos e parentes depois que o filho passou a cumprir medida socioeducativa? Se a resposta for afirmativa, o que mudou? Outros filhos também cumpriram algum tipo de medida socioeducativa? Em caso afirmativo, quais medidas?

ANEXO D

Roteiro de Entrevista Semidirigida com os adolescentes¹⁴

1 - Identificação:

Idade:

Sexo:

Escola que estuda:

Série:

Local do nascimento:

Renda familiar:

Unidade de Atendimento:

2 - Escola e perspectiva de futuro

Você estuda? Em quais escolas estudou? Teve mudanças de escola, Por que? Como é a sua frequência escolar? Gosta da escola? Como é a convivência com os colegas de escola? Quais as atividades que participa? O que mais gosta na escola? Como é seu comportamento na escola? Você já fez algum curso técnico ou profissionalizante? Quais os seus planos e o que pensa para o futuro? Pretende continuar estudos? Pretende trabalhar? Tem algum ideal de estudo ou profissional?

3 - Saúde

Você já teve algum problema grave de saúde? Você alguma vez recebeu atendimento psicológico ou psiquiátrico? Já tomou algum remédio para problemas nervosos? Você é muito agitado? Você já ficou muito triste ou se sentiu em situação de abandono? Alguém da sua família já teve problemas mentais? Quem?

4 - Vida familiar

Você vive com seus pais naturais? Com quem você vive? Como foi sua infância e adolescência a família? Quais as idades das pessoas que convivem com você? Como é sua vida em família? Como é a convivência com seus pais? Eles são carinhosos e protetivos? Eles são agressivos? Já se sentiu abandonado ou agredido em casa? Há situações de conflitos com agressões em família? Os seus pais tem muita influência sobre você? Com quem se sente mais ligado, com quem mais se identifica (com quem tem mais relação de confiança, em quem se apoia)? Por que? O que seus pais fazem para sobreviver? Eles convivem bem? Eles brigam ou se agredem fisicamente? Eles alguma vez se separaram?

¹⁴ Roteiro de entrevista elaborado pelo grupo da pesquisa “Adolescência, Violência e Traumatismo: dimensões psíquicas e relacionais”.

De que maneira isso lhe afetou? Você tem irmãos como é seu relacionamento com eles? Você já viveu alguma situação de violência ou traumática na família? Como aconteceu?

5 - Regras e limites

Na sua casa as coisas são tratadas com rigor ou severidade? Tem muitas regras? Você já quebrou as regras (mentiras, fugas, roubos etc.)? Quando você se lembra de ter quebrado? Por quê? Como você foi punido? Alguém da sua família teve problemas com a lei? Quem? O que aconteceu?

6 - Relacionamento com amigos

Você tem amigos? Você os conhece? O que é amizade para você? Como é seu relacionamento com eles? Tem algum amigo especial? O que faz junto com eles? Costuma fazer suas atividades sozinho ou em grupo? Costuma se divertir sozinho ou em grupo? Como se sente com os amigos? Tem confiança neles? Eles tem confiança em você? Acha que pode contar com eles? Em que situação? Já recebeu ajuda de algum deles? Em que situação? Já fez alguma coisa junto com eles que levou a problemas com a lei? Como foi? Que consequências teve? Você já viveu alguma situação de violência ou traumática com seus amigos? Como aconteceu?

7 - Relacionamentos afetivos

Você já teve relacionamentos afetivos? Quantos? Você teve algum(a) namorado(a) "firme"/sério? Fale um pouco sobre esses relacionamentos e como se sentia neles? Você se envolveu afetivamente? Como eram os relacionamentos? Quanto tempo duravam? O que fazia que eles acabassem? Já se sentiu triste em função dos terminos? Você já viveu algumas situações traumáticas ou de violência em seus relacionamentos afetivos? Como aconteceu?

8 - Sobre lares alternativo(s) e situação de abandono

Você já esteve em instituições em abrigos ou em situação de rua? O que fez você ir para lá? Como era sua vida lá? Como era a convivência com as pessoas? Havia muitas regras? Você quebrava estas regras com frequência (mentiras, fugas, roubos etc.)? Idade(s)? Por quê? Como você era punido? Você já teve algum tipo de situação de abuso físico ou emocional nessas instituições ou na rua?

9 - Sobre instituições de apoio

Você já foi ajudado ou pediu ajuda à instituição (igreja, associação de bairro, comunidade, conselhos tutelares)? Em que circunstância isso aconteceu? Você encontrou ajuda? Como se sentiu?

10 - Uso de álcool e outras drogas

Você bebe (ingere bebida alcoólica) ou usa drogas? Que tipo? Desde que idade? Por que você usava drogas, como estimulante, fuga, para relaxar, descontração, divertimento etc.? A bebida ou as drogas interferiram ou prejudicaram sua vida? Você já fez algo perigoso ou arrumou problemas quando embriagado ou drogado (dirigir sem condições, brigas, apreensão, detenção etc.)? Você já cometeu loucuras ou atos perigosos para se divertir? Você já arrumou brigas, envolvendo-se em lutas ou agressões físicas? Alguma vez ficou descontrolado? Como a sua família reagiu ao seu uso de droga? Você já participou de algum programa de prevenção / atendimento? O que achou? Alguém da sua família já teve problemas com uso de álcool ou drogas?

11 - Comportamento antisocial na infância e adolescência

Quando você era criança fazia tumultos, rebeliões, arrumava encrencas fora do ambiente escolar ou nos arredores da escola (atos de vandalismo, atear fogo, machucar animais por brincadeira ou divertimento, roubo, furto etc.)? O que você costumava fazer? Qual era a frequência? Idade(s)? Alguma vez foi pego? Qual foi o castigo? Isso lhe afetou? Qual foi a reação que sua família teve quando você teve problemas com a lei?

Quando aconteceu seu primeiro problema com a lei? O que levou ao cumprimento de medidas? Quais as medidas que você já passou? Você estava usando drogas? O que fez? Estava sozinho ou em grupo? Você se sente culpado? A quem atribui a culpa? O que poderia ajudá-lo a ficar longe dessas situações? Quais as consequências do ato que cometeu? O que você sente em relação às consequências do ato que cometeu? Você está arrependido? Você geralmente comete esses atos por impulso ou não? Você conta muitas mentiras?

12 - Autoimagem e perspectivas

O que você acha de si mesmo? Como é sua autoestima? Classifique sua autoimagem numa escala de zero a dez. Qual foi a sua maior tristeza ou decepção? Qual foi a sua maior alegria? Você está satisfeito com a sua vida até agora? Está faltando alguma coisa na sua vida? O que? Tem algum aspecto da sua vida que precisa ser melhorado? Quais as suas perspectivas para o futuro? O que você gosta de fazer para se divertir? Tiveram coisas que foram positivamente marcantes em sua vida.

ANEXO E

Nomenclatura francesa do Rorschach¹⁵

1. Posição da prancha (rotações):

- ∨ - posição normal
- ∨ - posição invertida
- < - posição lateral esquerda
- > - posição lateral direita

2. Produtividade:

R – Número total de respostas efetivas em todos os cartões.

RA – Respostas adicionais dadas espontaneamente no momento da investigação.

Rec – Recusas: não respostas ao cartão.

Den – Denegação: número de respostas dadas espontaneamente no momento da aplicação e negadas no inquérito.

T.L. – Tempo de latência (em segundos): o tempo decorrido entre a apresentação da prancha e a primeira resposta efetiva do respondente.

T.L.m – Tempo de latência médio (em segundos): soma dos tempos de latência onde houve resposta, dividido pelo número de cartões onde houve interpretação.

T.T. – Tempo total (em minutos e segundos): tempo total da aplicação da prova (inquérito não é incluído).

T.R.m – Tempo de reação médio (em segundos): tempo médio por resposta. Tempo total dividido pelo número total de respostas.

3. Tipos de Apreensão / Localização das respostas - Modo como o indivíduo apreende os estímulos da realidade:

G – Resposta global: resposta que implica o todo da mancha, o mais aparente e superficial.

$$G\% = \frac{100 \times \sum G}{R}$$

R

GDbI – Respostas G integradas com detalhe branco (DbI). São contadas como G

¹⁵ A nomenclatura apresentada neste trabalho foi retirada do trabalho:

Jardim-Maran, M. L. S. (2011). *O psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes: normas e evidências de validade*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

D – Resposta de grande detalhe: área significativa e relevante da prancha.

$$D\% = \frac{100 \times \sum D}{R}$$

DDbl – São contadas como D.

Dd – Resposta de pequeno detalhe: percepção e interpretação de pequenas partes do cartão, referente às minúcias.

$$Dd\% = \frac{100 \times \sum Dd}{R}$$

DdDbbl – São contadas como Dd.

Dbbl – Grande detalhe branco: quando somente a forma ou a percepção é de vácuo naquela área, com justificativa de resposta do branco (ausência de cor). Quando a cor é destacada na resposta, considera-se, então, a área D e não Dbbl.

$$Dbbl\% = \frac{100 \times \sum Dbbl}{R}$$

Do – Detalhe oligofrênico ou inibitório: recorte dado a uma área onde normalmente é produzida uma interpretação de caráter mais geral, que inclui o detalhe atualmente nomeado.

$$Do\% = \frac{100 \times \sum Do}{R}$$

4. Determinantes das respostas – Fatores principais de determinação das respostas e sua precisão formal:

F = Resposta determinada unicamente pela forma da mancha, ou seja, pelos aspectos de contorno da área interpretada.

F+ = Respostas com forma bem vista (boa precisão formal): respostas que respeitam o parecer formal de um grupo de referência, ou seja, com o que é mais frequente em um determinado ambiente.

F+- = Forma imprecisa da resposta em área pouco específica do cartão; forma indeterminada. Segundo Anzieu (1989) são classificadas como F+- ou F? as respostas em que a forma do objeto é imprecisa e indeterminada (ex: nuvens, traçado, litoral).

F- = Respostas com forma mal vista; resposta que não corresponde à área interpretada do cartão (má precisão formal).

F% - Percentagem das respostas formais em relação ao total de respostas.

$$F\% = \frac{100 \times \sum F}{R}$$

F+% - Percentagem das boas formas em relação ao total das respostas-forma: precisão das respostas-forma.

$$F+\% = \frac{100 \times (F+) + 0,5 \times (F+-)}{\sum F}$$

F+ext% - Percentagem das boas formas dos demais determinantes: indicação de precisão formal entre os determinantes afetivos.

$$F+ext\% = \frac{[(F+) + (F+- \times 0,5) + (K+) + (kan+) + kp + kob + FC + FE + FClob] \times 100}{R}$$

K – Cinestesia humana: resposta que contenham movimento de pessoas inteiras.

Kat – Humano prestes a se movimentar.

kp – Fragmento de forma humana vista em movimento: ação feita por uma parte de humano.

kan – Cinestesia animal: respostas contendo movimento animal, que precisa estar inteiro e de fato em ação.

kob – Cinestesia objeto: respostas contendo movimento forte, que é próprio do objeto interpretado.

$\sum k$ – Soma das cinestésias menores.

$$\sum k = \sum kan + \sum kob + \sum kp$$

FC – Resposta forma-cor: resposta prioritariamente determinada pela forma e secundariamente pela cor. Há predomínio da forma sobre a cor.

CF – Resposta cor-forma: resposta prioritariamente determinada pela cor e secundariamente pela forma. Há predomínio da cor sobre a forma.

C – Resposta cor pura: determinação exclusiva da cor na resposta.

O sinal ' atribuído a C indica a utilização do preto, cinza e branco como cor de superfície. Segundo a importância relativa de C' e de F, temos três tipos de respostas: FC'; C'F e C', que também são incluídas na ΣC . Seus valores são análogos aos de FC; CF e C.

ΣC ponderada – Total ponderado das respostas que envolvem determinante cor (cromático e acromático)

$$\Sigma C = 0,5FC + 1CF + 1,5C$$

FE – Resposta forma-*estompagem*: determinadas pela tonalidade, textura ou perspectiva da mancha, onde a forma predomina.

EF – Resposta *estompagem*-forma: há predomínio da *estompagem* sobre a forma.

E – Resposta *estompagem* pura: determinação da resposta foi exclusivamente o sombreado do cartão.

ΣE ponderada – Total ponderado das respostas *estompagem*

$$\Sigma E = 0,5FE + 1EF + 1,5E$$

FClob – Resposta forma claro-escuro relacionada à angústia, à conteúdo disfórico, ligado principalmente ao preto do cartão

ClobF – Resposta claro-escuro: há predomínio de resposta Clob sobre a forma.

Clob – Resposta claro-escuro pura: há manifestação exclusiva de respostas disfóricas.

5. Conteúdos das respostas:

A/(A) – Resposta de conteúdo animal

Ad/(Ad) – Resposta de detalhe (parte) animal.

A% - Percentagem das respostas animais em relação ao número respostas totais.

$$A\% = \frac{100 \times [A + (A) + Ad + (Ad)]}{R}$$

H/(H) – Resposta de conteúdo humano.

Hd/(Hd) – Resposta de detalhe (parte) humano.

H% - Percentagem das respostas humanas em relação ao número respostas totais.

$$H\% = \frac{100 \times [H + (H) + Hd + (Hd)]}{R}$$

Anat – Resposta de conteúdo anatômico
Sg – Resposta de conteúdo sangue
Sex – Resposta de conteúdo sexual
Obj – Resposta de conteúdo objeto
Art – Resposta de conteúdo artístico
Arq – Resposta de conteúdo arquitetônico
Simb – Resposta de conteúdo simbólico
Abs – Resposta de conteúdo abstrato
Bot – Resposta de conteúdo botânico
Geo – Resposta de conteúdo geográfico
Nat – Resposta de conteúdo natureza
Pais – Resposta de conteúdo paisagem
Elem – Resposta de conteúdo elemento
Frag – Resposta de conteúdo fragmento

6. Funcionamento afetivo

T.R.I. – Tipo de Ressonância Íntima: forma habitual do indivíduo vivenciar sua afetividade. Fórmula que exprime a relação entre as cinestésias humanas e as respostas-cor ponderadas.

$T.R.I. = x K / y \sum C$ (Proporção do número de movimentos humanos sobre a somatória de respostas-cor).

- Extratensivo Puro: $0 K$ para $< y \sum C$
- Extratensivo Dilatado: $x K$ para $< y \sum C$
- Introversivo Puro: $x K$ para $> 0 \sum C$
- Introversivo Dilatado: $x K$ para $> y \sum C$
- Ambigüal: $x K$ para $= y \sum C$
- Coartativo: $x K$ para $= y \sum C = 1$
- Coartado: $x K$ para $= y \sum C = 0$

F.T.L. – Fórmula das tendências latentes: recursos afetivos em potencial, não manifestos, mas possíveis de serem desenvolvidos futuramente. Exprime a relação entre as cinestésias não-humanas e as respostas *estompage*.

T.L. = (kan + kob + kp): ΣE (Somatório das respostas de pequeno movimento comparativamente às respostas *estompage*).

3ª Fórmula (I.R.A.) – Índice de Reatividade Afetiva: índice de sensibilidade do indivíduo a situações afetivas. Relação do número das respostas dadas nas pranchas VIII, IX e X dividido pelo número total de respostas.

$$\text{I.R.A.} = \frac{100 \times (\text{Número de respostas VIII} + \text{IX} + \text{X})}{R}$$

F.A. – Fórmula da angústia: índice de elementos de ansiedade e/ou angústia que o indivíduo demonstra no teste.

$$\text{F.A.} = \frac{\text{Hd} + (\text{Hd}) + \text{Anat} + \text{Sg} + \text{Fg} + \text{Sex} \times 100}{R}$$

7. Respostas Banais: índice de compartilhamento do pensamento coletivo

Ban – Resposta banal: respostas de mesma localização e conteúdo que aparecem com determinada frequência em certo grupo populacional.

Ban% – Percentagem das respostas banais em relação ao número total de respostas.

$$\text{Ban}\% = \frac{100 \times \text{Ban}}{R}$$

Orig. – Resposta original: respostas dadas uma vez em cem por sujeitos considerados “normais” (com funcionamento típico).

ANEXO F

Critérios de classificação para escala Barreira-Penetração¹⁶

BARREIRA		
Critério	Exemplos	Exceções e observações
1. Referências a roupas	Mulher com vestido de gola alta; pessoa com uma fantasia chique; homem com coroa; homem num roupão; doende com um gorro; pessoa com luvas	Observação: nem todas as menções a roupas eram classificadas na primeira edição de Fisher e Cleveland (1958). Exceção: Respostas populares como botas na prancha IV e gravata-borboleta na prancha III não são classificadas por serem frequentes
2. Todas as peles/superfícies de animais quando:		Observações: a lista completa encontra-se no livro Fisher e Cleveland (1958) e foi reproduzida ao lado. “Esta categoria de respostas foi incluída assumindo-se que a preocupação com os animais de peles incomuns, valiosas, marcadas de forma especial ou protetoras, representassem o foco em algum aspecto substancial dessas superfícies de cobertura”.
a) As peles são distintas e incomuns e menciona-se mais do que a cabeça do animal;	a) Crocodilo; jacaré; castor; texugo; lince; visão; topeira; camaleão; crocodilo; raposa; cabra; bode; hipopótamo; hiena; leopardo; leão; lagarto; cabra de montanha; pavão; pinguim; porco-espinho; cão de pradaria; rinoceronte; escorpião; leão de mar; foca; carneiros ou cordeiro; gato siamês; jaritataca; tigre; morsa; doninha; gato selvagem; carcaju; zebra	
b) Se enfatiza características particulares da superfície/pele do animal	b) Pele fofa; pele manchada	Exceção: pele de urso na prancha IV; caranguejos e lagostas por serem muito comuns
c) São mencionadas criaturas com carapaça protetora; contudo, lagostas e caranguejos quando vista somente sua carapaça	c) Caranguejo; tartaruga; camarão; marisco; mexilhão	
3. Aberturas contidas na terra	Vale; mina (de mineração); poço; canal; ravina	
4. Cavidades (containers) incomuns de animais	Gato estufado/empanturrado; mulher grávida; canguru; úbere/mama	
5. Superfícies sobrepostas e protetoras	Guarda chuva; domo; escudo; toldo	
6. Coisas com armadura ou coisas que dependam excessivamente de suas próprias paredes de proteção	Tanque; navio de guerra; foguete no espaço; carro blindado; homem de armadura	

¹⁶ Os critérios de classificação da Escala Barreira-Penetração foram retirados do trabalho: Gerencer, T. T. (2012). *A capacidade de diferenciação entre interno e externo no Rorschach de pessoas com sintomas psicóticos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Brasil.

Critério	Exemplos	Exceções e observações
7. Coisas encobertas, cercadas ou escondidas	Bacia encoberta por uma planta; casa cercada de fumaça; tronco coberto de musgo; pessoa escondida por algo; alguém espreitando de trás de uma pedra; mula de carga nas costas; pessoa entre duas pedras	
8. Objetos cujo contorno possui característica incomum ou que possuem a propriedade de conter	Tronco; cadeira; roda-gigante; gaita de fole	
9. Apenas algumas edificações	Tenda; forte; iglu; arcada/arco; barracão militar blindado	Exceção: respostas de máscara e de edificações não são classificadas exceto as mencionadas ao lado
10. Exemplos adicionais	Cesta; baía; sino; livro; abas de livro; garrafa; bolha; gaiola; castiçal; caverna; casulo; gruta; cortina; dançarina de véu; cobertura de bolo; poodle peludo; globo; porto; salvaguarda (de rua); capacete; enseada; lago rodeado por terra; terra cercada por água; montanha coberta de neve; rede; pote; rio; tela; colher; urna; parede/burro; papel de parede; peruca	
11. Exemplos adicionais de respostas classificadas nos protocolos de Fisher e Cleveland (1958)	Espelho d'água; árvore de natal decorada; estômago; pintura num vaso (também classificado como B pela pintura na superfície); rio ou córrego profundo; pacote	Exceção: cabelo vermelho; homens barbudos; espaçonave prestes a entrar numa nuvem; moderna árvore de natal; tapete de urso anexado num totem; borboleta muito colorida; morcego voando para fora de uma caverna (na prancha I pois a caverna é mencionada mas não é vista); mapa da Flórida porque parece uma península; nuvens de tempestade à 3 mil pés de altitude
12. Respostas não mencionadas por Fisher e Cleveland (1958), mas classificadas como Barreira na pesquisa de Gerencer (2012)	Espelho; tatuagem; espada encravada na pedra (B/P); buraco com pedras em volta (B/P); túnel perto do fim (B/P); tatu, pirâmide com para-raios; escaravelho	Exceção: pulmão
		Exceção: não são classificados instrumentos que possam ser pegos ou segurados como: alicates e pinças

Critérios de classificação para escala Barreira-Penetração

PENETRAÇÃO		
Critério	Exemplos	Exceções e observações
A. Imagens que envolvem penetração, rompimento ou desgaste de superfícies	Bala penetrando a carne; casco de uma tartaruga quebrado até abrir; inseto esmagado; pele de animal muito desgastada	
B. Orifícios de passagem	Vagina; anus; boca aberta; uma estrada; portal	
C. Superfícies facilmente permeáveis ou frágeis	Bola fofa de algodão doce; uma fofa nuvem como algodão; barro que conseguimos atravessar com o pé	
1. Boca abrindo ou usada para ingestão ou expulsão	Cão comendo; cão bocejando; homem mostrando a língua; homem vomitando; menino cuspidor; pessoa com boca aberta; animal bebendo	Boca utilizada para cantar ou falar
2. Desvio, trespasse (bypassing) ou penetração do exterior do objeto para alcançar seu interior	Imagem de raio X; corpo visto por um fluoroscópio; secção de um órgão; corpo cortado e aberto; dentro do corpo; autópsia	
3.		Exceção: amputação sem descrição de sangramento
a) Corpo sendo quebrado, fraturado, machucado e danificado	a) Inseto amassado; homem machucado; pessoa sangrando; ferida, homem apunhalado; pele do homem foi arrancada	
b) Degeneração de superfícies	b) pele doente; pele secando; folha murcha; carne deteriorada	
4. Aberturas na terra sem limites definidos ou por onde se expõem coisas	Abismo sem fundo; fonte jogando água pra cima; gêiser brotando do chão; poço de petróleo jorrando	
5. Aberturas em geral	Ânus; canal vaginal; portão; entrada; janela; narina; reto; olhando na garganta	
6. Referências a coisas insubstanciais e sem limites palpáveis	Algodão doce; fantasma; sombra; lodo	
7. Todas as transparências	Pode-se ver através do vestido; janela transparente	
Respostas que receberam a classificação Penetração nos protocolos de Fisher e Cleveland (1958)	Animal mastigando numa árvore; borboleta desmembrada; quebra-cabeças desmontado; peixe sem a carne; corpo quebrado; morcego com furos; casaco de pele rasgado. Duas peles de animais ensanguentadas (classificada apenas P); interior de uma galinha; homem assoprando; lago coberto de gelo nas extremidades e o gelo está derretendo (classificada B/P); dois galos brigando e o vermelho são as penas caindo; fumaça saindo dos olhos; demônio com os olhos afundados; tartaruga sem a carapaça	Exceção: busto de Napoleão; parte do externo (osso); vértebra; ossos de dinossauro; animal pré-histórico; teste de bomba atômica; Cristo na cruz; duas pessoas dormindo ou mortas; uma perna humana; partes do corpo como costelas e rins; nuvens
Respostas não mencionadas por Fisher e Cleveland (1958), mas classificadas como Penetração na pesquisa de Gerencer (2012)	Espada encravada na pedra (B/P); buraco com pedras em volta (B/P); túnel perto do fim (B/P); feto ainda sem os membros; pulmão de fumante	Exceção: feto